

Um Caminho para a Educação Escolar Indígena

Pensando a Sala de Aula

LIVRO 2

O Governo do Estado de São Paulo vem proporcionando o atendimento escolar para a Educação Básica, nas aldeias de São Paulo (Kaingang, Krenak, Terena, Guarani e Tupi Guarani) Para tanto organizou um programa que compreende:

- Construções escolares;
- Contratação de professores indígenas;
- Curso especial de formação em serviço para o professor indígena, em nível médio e superior;
- Elaboração de material didático próprio.

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Publicações:

Trabalhos de Conclusão de Curso: Caderno de Resumos

Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena (Coleção)

Educação Escolar em Contexto Bilíngue Intercultural

Jogos Educativos para Ensino e Aprendizagem de Línguas Indígenas

Narrativas de Memória

Projeto ARTE-IN (Coleção)

Vocabulário Bilíngue (Coleção)



Fundação de Apoio à
Faculdade de Educação



Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
CADA VEZ MELHOR

Governador
José Serra

Secretário da Educação
Paulo Renato Souza

Coordenadora da CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Valéria Souza

Coordenadora do NEI - Núcleo de Educação Indígena
Deusdith Bueno Velloso

Reitora da Universidade de São Paulo
Suely Vilela

Diretora da Faculdade de Educação - USP
Sonia Teresinha de Sousa Penin

Coordenadora do Programa FISPI - Formação Intercultural Superior do Professor Indígena
Maria do Carmo Santos Domite

Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena

Organizadores
Maria do Carmo S. Domite
Cláudia Georgina Sabba
Patrícia Zuppi
Régis Luiz Lima de Souza
Rogério Pereira

Colaboradores
Adriana D. Mendonça
Adriano Martins
Vanisio Luis da Silva
Wanderleya Nara Costa

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Um Caminho para a Educação Escolar Indígena

Pensando a Sala de Aula

LIVRO 2

Catálogo na fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239c	<p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Um caminho para a educação escolar indígena: pensando a sala de aula – Livro 2 / Secretaria da Educação, organização, Maria do Carmo Santos Domite, ... [et al]. - São Paulo : SEE, FEUSP, 2010. 92 p.; il.</p> <p>Inclui bibliografia. Publicação que integra o Programa "Formação Intercultural Superior do Professor Indígena" (FISPI) realizado em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, Faculdade de Educação /USP e a Fundação de Apoio à FEUSP. ISBN 978-85-7849-482-7</p> <p>1. Educação indígena 2. Formação de professores indígenas 3. Cultura indígena 4. Interculturalidade I. Dimite, Maria do Carmo Santos. II. Título.</p> <p style="text-align: center;">CDU: 376.74(815.6=082)</p>
-------	--

1ª edição

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

São Paulo
2010

© As imagens e textos deste livro podem ser reproduzidos somente para utilização em sala de aula.

Apresentação

A Secretaria Estadual de Educação de São Paulo reconhece a necessidade de realizar políticas públicas que coloquem em prática aquilo que a Constituição de 1988 determinou para os povos indígenas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação regulamentou para suas escolas e o CNE/CEB estabeleceu na Resolução 3/99: "Uma escola com normas e ordenamento jurídico próprios, fixando diretrizes curriculares de ensino intercultural e bilíngue."

Assim sendo, sabemos que esses povos além dos direitos de cidadãos têm os direitos específicos para o atendimento às suas necessidades étnicas.

Para nós, a língua materna de cada uma dessas etnias merece cuidados que vem se concretizando com, no mínimo, 500 anos de atraso.

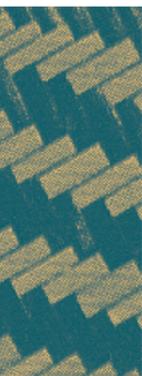
As escolas indígenas das aldeias paulistas são interculturais e bilíngues. Seus professores são formados em cursos especiais para trabalharem com seus alunos o uso da língua materna.

As línguas vivas têm sonoridade e dinâmicas próprias. Esses elementos lhes conferem grande capacidade de transformação no tempo e no espaço, o que coloca para os jovens professores dificuldades na compreensão e na fala de seus idiomas quando estão diante dos anciãos de sua cultura.

A sala de aula é um ambiente dinâmico e vivo. O trabalho desses professores revela o uso de seus costumes e a prática de suas línguas no dia a dia da escola, num diálogo com o presente e com o passado, transformando essa escola em espaço de conversa, uma das formas mais importantes para articular língua e linguagem fortalecendo a prática dessas línguas ricas em sabedoria e abandonadas pela sociedade.

Deusdith Bueno Velloso

Coordenadora do NEI- Núcleo de Educação Indígena



A Coleção

Entre as prioridades da Secretaria de Estado da Educação e da Faculdade de Educação do Estado de São Paulo, destaca-se a busca de uma nova orientação para a educação escolar indígena no sentido de uma formação intercultural e bilingue. Essa prioridade vem se materializando, desde 2001, por várias ações voltadas para a formação de professores indígenas do Estado de São Paulo entre as quais a Formação Magistério Indígena (2001-2002) e, esta última, a Formação Superior Intercultural de Professores Indígenas.

Nessa perspectiva, reconsideramos aqui a nossa visão que a educação indígena é um processo de construção coletiva do qual participam diferentes grupos de interlocução: a escola e a comunidade indígena, os professores indígenas e os formadores/especialistas das diferentes áreas do conhecimento.

Da experiência reflexiva dos educadores não-indígenas, do encontro destes com os professores indígenas, foi ficando cada vez mais claro que os modos de educar tradicionais indígenas são gerados e semeados em meio ao povo em uma relação direta com as relações sociais, os modos de interagir com o ambiente, o diálogo com os parentes, os mitos, dentre vários outros aspectos que se fazem presentes na realidade cotidiana vivida. Logo, o ato de educar indígena é construído no dia-a-dia por meio das diferentes vertentes que compõem o seu complexo sócio-cultural.

Diferentemente dos modos de educar tradicionais indígenas, muitas sociedades por todo o mundo há tempos vêm promovendo a educação principalmente por meio de instituições escolares. Esses modos distintos de fomentar o ato de educar – indígena e não-indígena – encontraram-se na realidade brasileira, devido à dinâmica intercultural iniciada neste território após a chegada dos povos europeus.

Nesse novo contexto que se fez presente na realidade brasileira desde o início do século XVI, não há como negar que diversos mecanismos de poder, de maneira continuada, desvalorizaram os conhecimentos genuinamente indígenas, inclusive aqueles que se referem especificamente aos seus modos de educar. O evidente desrespeito esteve instituído no aprato legal brasileiro até o advento da promulgação da Constituição Brasileira de 1988. A mudança de cenário, decorrente da transformação legal ocorrida nas duas últimas décadas, é um dos pontos retratados nesta primeira parte, tendo por objetivo oportunizar, principalmente aos leitores indígenas, o debate acerca de informações importantes que envolvem diretamente os seus direitos a uma educação diferenciada.

Há tempos a educação escolar se faz presente em parte significativa das aldeias indígenas brasileiras. No entanto, as escolas presentes nas aldeias promoveram conhecimentos não-indígenas sem haver uma devida preocupação com os saberes propriamente indígenas, sua língua materna, seus modos de compreender, de ensinar, organizar, inferir, viver. Muitas vezes, houve sobreposição do saber não-indígena ao saber indígena.

Mas, na atualidade, a consciência deste equívoco histórico tem fomentado intensos debates em meio aos professores indígenas. Esses têm visualizado nas ações pedagógicas desenvolvidas na escola uma possibilidade de, em um só tempo, promover os saberes indígenas e, em acordo com as suas necessidades, trabalhar também os conhecimentos não-indígenas, sem, no entanto, sobrepor um ao outro. Nesse contexto, tem sido considerado fundamental, em um ponto de vista metodológico, partir sempre dos saberes maternos – valorizando-os, fortalecendo-os – para, em um segundo momento, chegar aos saberes não enraizados na cultura.

A Educação Escolar Indígena germinada sob essa perspectiva é a que faz parte das concepções que compõem este livro. A escola, apesar de não fazer parte das tradições primeiras dos povos indígenas brasileiros, é vislumbrada pelos profissionais indígenas e não-indígenas que estiveram envolvidos com a construção deste material, organizado em três partes, como um meio que pode contribuir de modo substancial para o fortalecimento da cultura indígena, bem como para a inserção política do indígena às lógicas que hoje permeiam a realidade social brasileira.

O espaço de debate entre intelectuais indígenas e não-indígenas oportunizado por meio da *Formação Intercultural Superior de Professores Indígenas*, desenvolvida em uma parceria entre o Governo do Estado de São Paulo e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, desencadeou em importantes visões acerca da construção de uma escola de fato representativa dos quereres indígenas. Este material tem por intenção constituir-se em um registro significativo das referidas visões.

Os autores que aqui compartilharam da construção desta coleção mantiveram-se carregados de esperança, sob a consciência plena de que a formação de professores indígenas é uma prática decisiva para a construção de uma escola contextualizada, significativa e que, portanto, efetivamente respire desejos, alegrias e conhecimentos indígenas.

A produção desta coleção contou com o trabalho de parte da equipe de coordenadores, professores-formadores não-indígenas e professores indígenas do curso de Formação Intercultural Superior de Professor Indígena-FISPI, a saber: Maria do Carmo S. Domite (coordenação geral); Maria do Carmo S. Domite, Cláudia Georgia Sabba, Patrícia Zuppi, Régis Luíz Lima de Souza e Rogério Ferreira (organizadores); Adílio Wera Paraguassu, Cleber Evaristo de Almeida, David Henrique Pereira, Lenira Dina de Oliveira, Maria Luiza Marques, Mirian Dina dos Santos Oliveira, Pedro Miri Delane, Ubiratã Jorge de Souza Gomes (ilustradores); Adriana Domite Mendonça, Adriano Martins, Vanisio Luis da Silva, Wanderleya Nara Costa, Cláudia Georgia Sabba, Patrícia Zuppi e Régis Luíz Lima de Souza (colaboradores); Denérída Brás Martins Tsutsui (revisora).

Sumário geral da coleção

LIVRO 2

Um caminho para a educação escolar indígena: pensando a sala de aula

11

1. De uma situação desencadeada em sala de aula

12

As pipas estão no ar... e as bonecas?

13

O dia em que os filhotes invadiram a escola

22

2. Tema gerador

31

2.1 De um convite aos alunos para eleger um tema gerador

2.2 De um tema gerador escolhido pelo professor

O bicho peludo e os bichos chifrudos

32

Brincadeiras

42

Meio ambiente

54

Um estudo sobre cobras e outras coisas...

65

3. De uma atividade dirigida a um conteúdo

74

O menino e o gavião gigante em viagem pelo Brasil

75

Sumário geral da coleção

LIVRO 1

Um caminho para a educação escolar indígena: da teoria à prática	11
Em busca (da liberdade) de poder ensinar na escola... como aprendemos frente à realidade vivida - <i>Maria do Carmo S. Domite e Claudia Georgia Sabba</i>	15
A legislação brasileira escolar indígena: buscando a consolidação do direito dos povos indígenas à educação diferenciada - <i>Luís Donisete Benzi Grupioni</i>	23
A escola indígena paulista - <i>Nivia Gordo e Cláudia Georgia Sabba</i>	34
Interculturalidade entre o conhecimento étnico e outros conhecimentos dentro do espaço escolar - <i>Eduardo Carrara</i>	40
O currículo como releitura do vivido - <i>Gustavo Kilner</i>	47
Língua escrita x língua falada - <i>Ruth Maria Fonini Monserrat</i>	61
Interculturalidade e bilinguismo nas escolas das aldeias indígenas - <i>Idméa Semeghini-Siqueira</i>	68

LIVRO 3

Um caminho para a educação escolar indígena: histórias de aula	13
Mitos sobre a origem do povo Guarani: uma experiência em sala de aula	14
O tempo e o lugar dos Krenak no Estado de São Paulo	22
Pensando novos modos de ensino de matemática para a Educação de Jovens e Adultos Indígenas – EJA	26
Intercâmbio com outras aldeias Guarani – Projeto Nhandekuary: o saber do nosso povo	30
A escola indígena e os saberes tradicionais esquecidos – Guyrapa: o arco-e-flecha Guarani verdadeiro	35
Ensinando a confeccionar o artesanato Guarani	44
Vivenciando minhas memórias – memórias dos moradores da aldeia Piaçaguera	46
O relato da vivência da construção do monde com as crianças da Escola Estadual Indígena Aguapeú	53
Tambo: vestimenta tradicional do povo Guarani – uma experiência em sala de aula	58
Visita ao bairro da Liberdade	63
A importância das tradições e a cultura Guarani	67
Ervas Medicinais – trilhando uma parceira entre comunidade e escola	78
Do conhecimento sobre agricultura dos terena da Terra Indígena Araribá ao ensino para crianças de 7 a 10 anos	81
Uma Conversa ao pé da árvore...	90

UM CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: PENSANDO A SALA DE AULA

Na sala de aula da escola indígena, o ensino e a aprendizagem da matemática, da língua indígena, da língua portuguesa, das ciências e outros podem se dar no encontro dos conhecimentos construídos a partir da atividade das pessoas de uma comunidade e o conhecimento organizado de modo mais sistematizado, com a preocupação do registro e a tentativa de fixação das ideias apresentadas.

O professor, por sua vez, da escola indígena ou qualquer outra, é uma pessoa que organiza, ele próprio, a atividade que irá propor em sala de aula. Mesmo que o professor tenha sido academicamente preparado, sua atividade não estará seguindo necessariamente esse modelo. Isso porque o conhecimento praticado na sala de aula é uma atividade humana, visto que o que interessa nessa situação é a aprendizagem do aluno.

A aprendizagem de um conceito – quer de matemática, quer de ciências, quer da língua indígena ou portuguesa – está relacionada a como este pode ser apreendido pelo aluno. A atividade que leva à aprendizagem é a atividade que leva o aluno a fazer relações por ele mesmo.

Neste segundo livro, estaremos apresentando histórias de preparação e realização de algumas aulas, nas quais um professor ou uma professora indígena é um autor fictício, assim como é fictício o enredo relatado.

E qual é a nossa proposta para construir cenário e palco nos quais as aulas poderiam ser desencadeadas? De que modo podem ser esses desencadeadores de aula para que os alunos se tornem bastante ativos em seus processos de aprendizagem? Nossa resposta, aqui, nossa sugestão, como um modo de marcação para os atores (professor e aluno), estará apresentada de três maneiras, aqui chamadas “modos de desencadear uma aula, um curso de...”. São estes:

1. De uma situação desencadeada em sala de aula

2. Tema gerador

2.1 De um convite aos alunos para eleger um tema (gerador)

2.2 De um tema gerador escolhido pelo professor

3. De uma atividade dirigida a um conteúdo

Em seguida, faremos uma breve apresentação sobre como cada um dos modos de desencadear uma aula pode ser compreendido e desenvolvido.

1. De uma situação desencadeada em sala de aula

O professor deve estar atento para perceber que certas situações e particularidades já prenderam, de algum modo, a atenção dos alunos. Daí, a partir de tal percepção, o professor procura participar do movimento com e entre os alunos, encaminhando um diálogo sobre a situação e a formulação de problemas e/ou propostas de trabalho.

É importante observar que uma atividade como essa só pode acontecer de acordo com uma situação que surge momentaneamente e, por isso o professor deve fazer uso da criatividade para acompanhá-la e não ignorá-la com a desculpa, por exemplo, de que já tinha planejado uma aula sobre este ou aquele conteúdo.

As pipas estão no ar... e as bonecas?

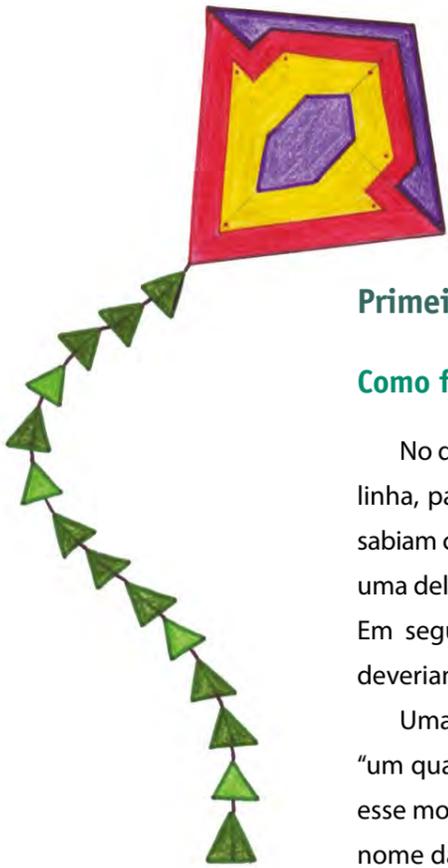
Neste ano, meus alunos teriam de estudar sobre o solo, a água e o ar. Eu já tinha planejado que primeiro estudariam o solo, em seguida a água e depois o ar. Mas notei que durante o recreio, um grupo de meninos havia se reunido num canto do pátio para construir uma pipa. Após a aula, lá estavam eles, tentando colocar a pipa no ar; mas não conseguiram, porque o vento estava muito fraco.

No dia seguinte, depois da aula, eles estavam de novo com a pipa, tentando fazê-la voar. Foi então que tive a ideia de trocar a ordem de estudo dos temas. Pensei então que poderia aproveitar o interesse das crianças pela pipa para estudarmos primeiro sobre o ar.



Naquele dia, eu disse para as crianças que nós iríamos organizar um campeonato de pipas. Algumas meninas não gostaram muito, mas prometi a elas que depois poderíamos organizar um outro campeonato; e que o tema seria voltado para elas – poderíamos, por exemplo, trabalhar com bonecas de cerâmica. Fiz essa sugestão porque esse tema seria bom para estudarmos sobre o solo, além de nos permitir retomar uma atividade da nossa cultura.

Fiz, então, um acordo com meninos e meninas e, ao final, assegurei-lhes que todos acabariam se divertindo, independentemente de verem uma brincadeira ou outra como sendo de domínio masculino ou feminino.



Primeira parte

Como foi o campeonato de pipas

No dia combinado com os alunos para começarmos, eu trouxe varetas, cola, linha, papéis e lápis coloridos. Montamos equipes. Como algumas crianças já sabiam construir pipa e outras não sabiam, separei as equipes de modo que cada uma delas ficasse com ao menos uma criança que tinha experiência no assunto. Em seguida, disse a eles que antes de começarem a fazer as pipas, todos deveriam planejá-la: escolher o formato, o tamanho e as cores.

Uma das meninas argumentou que sempre via pipas de um único formato: “um quadrado virado de lado”. Eu pedi a ela que desenhasse no quadro negro esse modelo de pipa. Já com o desenho no quadro, falei para as crianças que o nome daquela “figura geométrica” do corpo da pipa era losango. Desenhei, ao lado, um quadrado, um paralelogramo e um retângulo e disse seus nomes. Expliquei aos alunos que aquelas figuras formavam a “família dos quadriláteros”, porque todas elas tinham quatro lados.

Apontei as figuras geométricas que compunham o “rabo” da pipa, dizendo-lhes de que se tratavam de triângulos, e que faziam parte de uma outra família. A menina tinha desenhado triângulos isósceles, e ao lado, desenhei outros tipos de triângulos. Falei, então, para as crianças, que como um dos critérios do campeonato era a beleza das pipas, eu iria lhes apresentar outras “famílias de figuras geométricas”, para que eles as utilizassem em seus desenhos para a decoração das pipas. Foi assim que eles ficaram sabendo sobre os pentágonos, os hexágonos, os heptágonos e os octógonos. Todos membros de uma “família maior”, a dos polígonos regulares.

Fiz para eles um pequeno quadro e pedi que o copiassem no caderno.

Alguns polígonos

Número de lados	Nome	Desenho
Três	Triângulo	
Quatro	Quadrilátero	
Oito	Octógono	

Contei às crianças que as pipas mais antigas e simples são mesmo em forma de losangos. As pipas triangulares, disse-lhes, são simples de fazer e voam bem com vento leve. As pipas feitas de uma combinação de quadrados, triângulos e retângulos são as mais estáveis, mas elas não são simples de fazer.

Depois, pedi a cada equipe para desenhar polígonos coloridos nos papéis que seriam utilizados para fazer as pipas. Eu já havia ensinado aos meus alunos sobre o uso da régua e eles já sabiam medir o papel para fazer as pipas. Falei para eles sobre a simetria e sua importância para a pipa poder voar.

Naquele dia, todas as equipes fizeram seu projeto. Desenharam, numa escala menor, como seriam suas pipas: indicaram o tamanho em centímetros, o formato da pipa, os desenhos que teriam, as cores, o tamanho do rabo etc. Eu disse às crianças que todos os membros das equipes deveriam fazer alguma coisa; elas tinham que decidir qual seria o papel de cada um e indicar no projeto. Para isso, dei uma ajuda listando alguns afazeres e eles foram completando, por exemplo: Jaciara irá decorar e cortar os papéis, Ubiratã fará as medições etc. No dia seguinte, as crianças iam, efetivamente, construir as pipas.

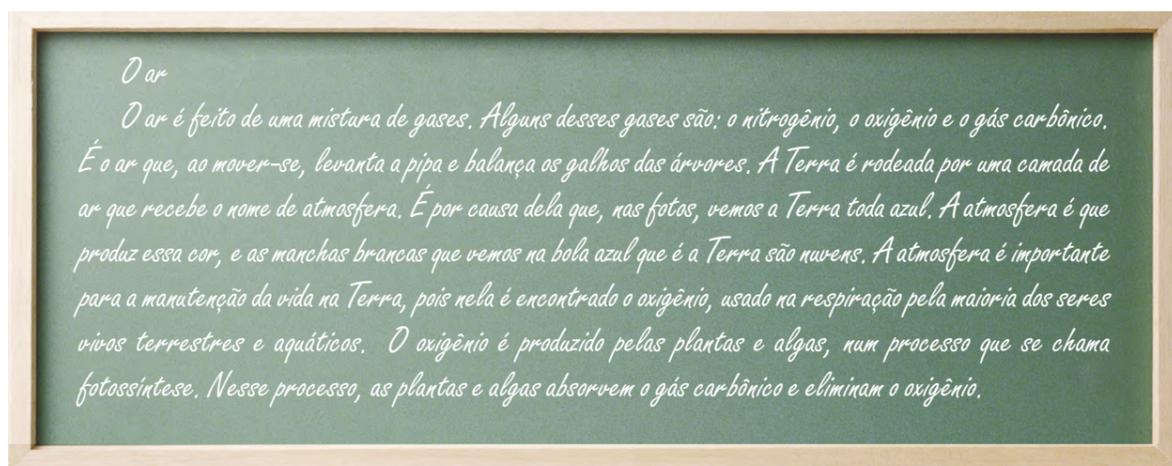
Na construção, todos se envolveram bastante e eu lhes expliquei sobre as diagonais dos quadriláteros usando as varetas das pipas. Ao final da aula, cada equipe tinha pelo menos uma pipa, mas só uma poderia ser inscrita no campeonato.

Fizemos, em seguida, uma eleição para escolher as pipas mais bonitas – colocamos como regra que a pessoa não poderia votar na pipa da própria equipe. Durante a eleição, aproveitei para lembrar o que havíamos estudado sobre os gráficos, pois eles foram usados para contabilizar os votos.

Escolhidas as pipas mais bonitas, passamos a falar sobre um dos outros critérios que iria ajudar a decidir o campeonato: a capacidade de voo da pipa. Eu disse às crianças que tínhamos de escolher bem o dia, pois teria que ter um bom vento. Até lá, expliquei, iríamos trabalhando com outros critérios, e um deles era o saber deles sobre assuntos relacionados às pipas. Por exemplo, ganhará ponto agora a equipe que souber dizer o que é o vento.

Mas ninguém sabia “o que é vento” – como eu já esperava, pois ainda não tinham estudado sobre o ar. Combinamos, então, que primeiro eu lhes ensinaria o necessário, e depois faríamos um jogo de perguntas e respostas. Nos dias seguintes, enquanto durasse o campeonato, na primeira parte da aula, faríamos nosso jogo. E aí passamos, finalmente, ao estudo do ar.

Para começar, expliquei que “vento é o ar em movimento”, mas que era importante todos saberem o que é o ar e como o vento se forma. Assim, para falar sobre o vento, tínhamos que, primeiro, falar sobre o ar. Expliquei algumas coisas a eles, fizemos nosso jogo de perguntas e respostas, dando ponto para as equipes que primeiro respondessem corretamente as questões que eu fiz. Depois, para eles não se esquecerem das informações, pois o jogo iria continuar, passei no quadro o texto abaixo:



Para ilustrar o texto, fiz um gráfico colocando as proporções dos gases na atmosfera terrestre. No dia seguinte, dei novas informações para o nosso jogo. Falei que o ar está em toda parte: na água, no solo, no corpo dos animais, nas plantas e até mesmo nos lugares que parecem vazios. Fizemos até uma experiência com balões, soprando para provar que o ar ocupa espaço. Falei também sobre a direção do vento (e até levei uma biruta que tinha sido construída pela turma do ano passado), e depois, expliquei sobre a resistência e a pressão do ar.

Passamos, então, para o nosso jogo de perguntas e respostas. Ao final, escrevi novamente um texto no quadro com as informações do dia, e fomos para o pátio soltar as pipas. Ganharam ponto as pipas que se mantiveram no ar durante o período determinado; as outras teriam nova chance no dia seguinte.

Na aula seguinte, para a continuação do jogo das perguntas e respostas, expliquei às crianças sobre a origem do vento. Disse-lhes que o que faz o ar se movimentar é a diferença no aquecimento dele nas diferentes regiões. Isso acontece porque o calor do Sol, absorvido pela superfície da Terra, aquece o ar. O ar aquecido sobe para as camadas mais altas da atmosfera. Quando sobe, o ar quente empurra as camadas de ar frio para baixo. Essas ocuparão o lugar do ar quente que subiu, mas o ar que desceu se aquece e também sobe. O que subiu esfria e desce. Assim o ar se movimenta, produzindo vento. Nós sistematizamos essas informações por meio de um texto – fiz um desenho ilustrando esse movimento do ar - e as crianças foram, novamente, soltar pipas.

Na aula seguinte, o assunto do jogo de perguntas e respostas foi as diferentes espécies de vento, indo desde uma leve brisa a um perigoso furacão. Conversamos também sobre as diferentes funções do vento. As crianças lembraram de coisas, tais como: espalhar sementes, secar roupas, sustentar a pipa, mover barcos a vela, dentre outros. Falei-lhes sobre a produção de energia eólica, por meio do moinho de vento ou, mais modernamente, de turbinas de vento. Um assunto desagradável, mas importante – a poluição do ar – também teve espaço.

Quando terminou o jogo, os conhecimentos foram sistematizados num pequeno texto, depois passamos à contagem geral dos pontos. Contudo, antes, eu disse para todas as equipes que o fato de que ganharem ou não o

campeonato não seria muito importante, muito mais importante foi que eles tinham se divertido com as aulas e aprendido mais sobre as pipas e sobre o ar. Também lembrei-lhes que logo teríamos o outro campeonato – das bonecas em cerâmica.

Mas tínhamos de somar os resultados de todas as etapas: quatro rodadas do jogo de perguntas e respostas, duas rodadas da etapa de empinar pipa, além dos pontos referentes à beleza das pipas. Passei no quadro, por meio de gráficos, a pontuação de cada equipe. Todas as crianças analisaram os gráficos e extraíram dali as informações necessárias; depois fizeram todas as contas chegando ao resultado final. A equipe que ganhou em primeiro lugar ficou mais feliz, mas as outras também não ficaram tristes, agora seria só esperar o próximo bimestre para podermos começar o campeonato das bonecas de cerâmica...

Segunda parte

Do solo surgem as bonecas

Convidei os alunos para fazer o campeonato das bonecas de cerâmica por alguns motivos:

- Elas poderiam ser motivadoras para o estudo do solo;

- Fazer bonecas de argila nos permitiria valorizar, na escola, um hábito antigo do nosso povo que vem sendo esquecido porque, hoje, as crianças, muitas vezes, ganham bonecas de plástico;

- A pintura das bonecas nos permite fazer uma pesquisa sobre os corantes naturais conhecidos pelo nosso povo;

- Para recolher a argila e o material de pintura, nós teríamos uma aula diferente, fora da sala de aula – e os alunos ficam felizes com esse tipo de aula;

- Com as bonecas, eles poderiam estudar também sobre o corpo humano, em especial, sobre os cinco sentidos, que era matéria prevista para aquele ano.

Pensadas essas questões, planejei como seriam as aulas. Eu adotaria a ideia do jogo de perguntas e respostas, como fizemos no campeonato de pipas – isso aconteceria no início das aulas e me permitiria dar a matéria que havia previsto. A segunda parte da aula seria sempre prática – nós estaríamos, efetivamente,

trabalhando na preparação do material e na modelagem das bonecas.

Na cidade, comparam a argila já pronta para a modelagem, mas na aldeia nós a coletamos nas redondezas. As mulheres de nosso povo sabem onde encontrar e também como preparar a argila para ser modelada. Convidei algumas delas – mães e avós dos meus alunos - para ajudar no projeto.

Como foram nossas aulas durante o campeonato das bonecas de cerâmica

No primeiro dia, eu disse para as crianças que, para conseguir modelar bem, tínhamos de conseguir o tipo de terra (ou de solo) correto. Existem vários tipos de solo, de várias cores: negro, marrom, avermelhado, amarelado e alaranjado. Expliquei que o solo se origina do desgaste de pedras, e que ele é formado por várias camadas sobrepostas. A primeira dessas camadas é composta pelo húmus – que é formado principalmente por plantas que se decompõem.

Embaixo dessa camada, está o solo arável, no qual restos de plantas e animais em decomposição são “reciclados” por bactérias, fungos e insetos. Nessa camada da terra, moram, por exemplo, a minhoca, o caracol, o besouro e a lacraia, dentre outros. O solo arável é que dá firmeza às plantas que têm raízes rasas.

O subsolo vem em seguida. Apenas as plantas de raízes mais profundas, como grandes árvores, alcançam o subsolo. Essa camada do solo terrestre contém menor quantidade de material orgânico, fica entre o solo arável e uma camada de rochas decompostas. Finalmente, um leito de rochas sustenta todas as outras camadas do solo.

Depois que expliquei tudo isso, dei um texto com as informações para as crianças copiarem e, em seguida, convidei-os para irmos buscar a argila necessária à confecção das bonecas. As mulheres mais experientes na confecção de objetos de cerâmica nos acompanharam.

Mas nós não trouxemos apenas argila. Também aproveitei o passeio para pegarmos diferentes amostras de terra. Pegamos pequenos vidros vazios transparentes e dentro deles fomos colocando diferentes tipos de solo que encontramos: uma terra mais seca, outra mais arenosa, uma úmida etc... Na verdade, confesso, pegamos o caminho mais comprido, de modo a passarmos

tanto por áreas de plantação, quanto na mata e na beira do rio – para termos amostras de solo bem diferentes.

No dia seguinte, na primeira parte da aula, montamos nossa exposição de solos, verificando bem as diferentes características de cada um deles. Fiz também o jogo de perguntas e respostas com os alunos, sobre o que eles tinham aprendido do solo até o momento. Em seguida, na última parte da aula, algumas mulheres da aldeia nos ensinaram a preparar a argila para a modelagem; ficou tudo pronto para começarmos na próxima aula.

Chegou o dia em que íamos começar a modelagem. Eu disse aos alunos que um dos critérios que seriam usados para a pontuação do campeonato das bonecas seria o cuidado que eles tivessem com os órgãos dos sentidos humanos. Eles ficaram curiosos querendo saber o que isso significava. Falei-lhes então sobre a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar – e dos órgãos relacionados a cada um deles: olhos, ouvidos, pele, nariz e boca. Expliquei que um dos critérios que seriam julgados na apreciação das bonecas seria a presença e beleza na moldagem desses órgãos. No caso da pele, olharíamos se a argila estava bem lisinha ao longo de todo o corpo. No jogo de perguntas e respostas desse dia, o assunto foi os sentidos - depois, sempre com o auxílio de algumas das mães ou avós, as crianças puderam modelar as bonecas. Deixamos que as bonecas ficassem secando até o outro dia.

No dia seguinte, antes que as bonecas ficassem prontas, eu ainda tinha algo a dizer sobre o solo. Era importante que as crianças ficassem sabendo sobre a erosão e suas causas. Falada essa parte e realizado o jogo de perguntas e respostas referente a ela, passamos à produção das tintas naturais para a decoração das bonecas. Elas seriam pintadas segundo a nossa tradição; sem o uso de tintas industriais e novamente postas a secar.

No dia em que as bonecas estavam secas e prontas, passamos a montar uma exposição conjunta de solos e bonecas e a preparar um “desfile de bonecas”. A exposição foi preparada tanto com as amostras de solo que coletamos quanto de fichas explicativas que ficavam ao lado delas. As bonecas também foram acompanhadas de fichas explicativas que contavam todas as etapas de produção: coleta da argila, preparação da argila, moldagem, secagem, preparação dos corantes naturais e decoração. Nessa etapa, as bonecas seriam

avaliadas pela sua beleza, não só pelos meus alunos, mas também pelas demais turmas da escola, que foram convidadas para visitarem nossa exposição e o desfile. O resultado final só seria computado numa outra aula.

Na última aula do campeonato de bonecas, somamos os pontos de todas as equipes em todas as etapas e anunciamos a equipe vencedora.

Nos dois campeonatos, não dei prêmios-extras para as crianças. Salientei para eles que o mais importante era o aprendizado. E, para falar a verdade, eu também aprendi bastante. Eu sempre fiz aulas com o uso de jogos, levava as crianças para fazerem entrevistas e passeios para coleta de dados, usava experimentos; mas nunca havia organizado campeonatos como esses. Achei que foram proveitosos, tornaram as aulas interessantes e permitiram ensinar matemática, artes, ciências e cultura tradicional – além de todos se divertirem bastante. Bem, ainda faltou falar aos alunos sobre o conteúdo da água. Quem sabe um campeonato de barquinhos?

O dia em que os filhotes invadiram a escola

A origem do projeto e a escolha do tema

Eu acho que a escola deve ser um lugar onde se aprende. Mas acho também que deve ser um lugar onde os professores e os alunos estejam felizes. Por esse motivo, todos os dias, gosto de contar histórias para as crianças ou de cantar. Mas para pessoas que estão juntas todos os dias ficarem felizes não basta só uma falar e as outras só ficarem quietas ouvindo. Por esse motivo, todos os dias, pergunto aos meus alunos como eles estão. Pergunto se viram alguma coisa interessante, se aconteceu alguma coisa importante. Isso eu aprendi lá no curso para professores indígenas. Uma das coordenadoras do curso dizia que conheceu um colega nosso, isto é, um professor-índio, que todos os dias começava as aulas fazendo perguntas para as crianças. Eu resolvi adotar essa prática.

Por vezes, quando perguntados, os alunos dizem que não aconteceu nada. Noutras contam alguma coisa, mas a conversa não vai adiante. Mas, um dia desses, uma aluna contou que tinham nascido os filhotes de sua cadela. O assunto interessou os seus colegas. Eles perguntaram à garota sobre o número de cachorrinhos, sobre o seu sexo, sobre suas cores etc.

Um menino falou que na casa dele tinha uma cachorrinha que havia nascido quando a sua mãe ainda era uma criança. Disse, então, à dona dos cachorrinhos que eles deveriam ser bem cuidados. Foi então que alguém perguntou: "Mas não é só dar comida e água?". O garoto disse que não, que para cuidar bem dos cachorrinhos também eram necessários vacinas e remédios. Então outro menino perguntou: "E se cuidar bem, dando comida, água, remédios e vacinas, quanto tempo um cachorro pode viver?" Nenhuma das crianças e nem eu, soubemos responder a essa pergunta. Foi então que alguém comentou: "Seria bom se na escola também pudéssemos estudar sobre os filhotes de cachorro". Seus colegas concordaram. E então eu pensei: por que não podemos?



No curso eu tinha ouvido falar no ensino por meio de projetos. Por meio desse método, disseram os professores, os alunos podem, auxiliados pelo professor, direcionar os estudos. Assim, eles podem satisfazer sua curiosidade a respeito de um tema. Então eu perguntei aos alunos se queriam mesmo estudar sobre cachorros. A maioria deles disse que sim e ficaram felizes com a ideia, outros perguntaram se tinham mesmo de estudar sobre cachorros. Esses que não ficaram felizes com a ideia disseram que não gostavam de cachorros.

Eu perguntei aos alunos que não estavam contentes se gostavam de algum animal e qual era ele. As crianças responderam citando vários animais, alguns até que não conheciam de perto, mas só de "ouvir falar". Até tigre apareceu na conversa. Eu disse então que eles poderiam pesquisar sobre esses animais, não precisava ser só sobre cachorros. Ficou então resolvido que o nosso tema de estudo seria: Animais.

Nós começamos a trabalhar aquela hora mesmo.

Nosso trabalho

1ª fase: a escolha dos sub-temas e a montagem dos grupos

Eu pedi às crianças que cada um desenhasse o animal que gostaria de estudar e colocasse o nome dele. Na mesma folha, pedi que eles escrevessem os seus próprios nomes e me entregassem. Nessa hora, muitos dos que antes haviam se entusiasmado com o estudo dos cachorros perguntaram se poderiam trocar de animal. Falei novamente que cada um poderia escolher o animal que tivesse vontade de conhecer melhor, e para facilitar a escolha, falei uma lista de animais: arara, macaco, pinguim, elefante, golfinho etc; e as crianças foram acrescentando outros que iam lembrando. Logo todos tinham escolhido os animais e estavam fazendo os desenhos.



Finalmente, eu recolhi os desenhos e fui montando grupos. Juntei os alunos que tinham desenhado animais parecidos ou da mesma família. Assim, num mesmo grupo, ficaram, por exemplo, aqueles que tinham desenhado tigres e onças, noutro grupo ficaram os que tinham desenhado piranha e tubarão. Um outro grupo foi montado com crianças que queriam estudar cachorros, tinha um grupo para estudar os ursos; outro grupo ficou com os golfinhos e as baleias. Teve também um grupo que preferiu estudar as araras. Justifiquei para as crianças a montagem dos grupos explicando os critérios que havia usado.



2ª fase: formulando questões

Com os grupos montados, pedi que as crianças fizessem questões. As perguntas deveriam ser acerca da curiosidade que tinham sobre os filhotes de animais.

3ª fase: trocando ideias sobre as questões

Quando todos os grupos já haviam formulado suas questões, fui para o quadro e perguntei a cada um deles o que havia escrito. Fui discutindo a respeito de cada uma das questões formuladas. Por exemplo, o grupo dos tigres e leões tinha colocado a seguinte questão: “É verdade que eles gostam de comer gente?”.

Então eu perguntei: isso é importante? Para conhecermos bem um animal, nós precisamos saber o que ele gosta de comer? Os alunos disseram que sim. Então, pedi aos grupos que não tinham colocado essa pergunta a respeito do animal que escolheram para acrescentar essa questão: “O que eles comem?”.

O grupo dos ursos perguntou onde eles vivem. Os colegas disseram que isso era importante e essa questão ficou para ser respondida por todos os grupos. Ao final de uma ampla discussão, tínhamos uma “lista geral”, montada com perguntas que todos os grupos deveriam responder sobre os animais que estudariam.

Lista geral de perguntas:

- Como nascem?
- Quanto tempo dura a gestação? – essa palavra, gestação, foi discutida com eles no momento em que montamos a lista.
- Quantos filhotes nascem por vez?
- Quais são as suas principais características físicas?
- O que eles comem?
- Onde eles moram?
- Quanto pesam?
- Quanto tempo vivem?
- Como é o convívio deles com os seres humanos?

Listas particulares da pesquisa:

No momento em que as questões foram discutidas, verificamos que algumas delas só faziam sentido para algumas espécies de animais. A partir daí, formulamos melhor as listas ‘particulares’, que diziam respeito somente a um determinado grupo. Por exemplo, a pergunta, “Quando aprendem a voar?”, só faz sentido para o grupo que estuda as araras, ou “Quanto eles conseguem nadar por dia?”, cabia somente para os golfinhos e baleias.

4ª fase: fazendo acordos para a organização dos trabalhos

Avisei às crianças que todos os dias, na primeira parte da aula, eu daria andamento “normal” aos conteúdos. A segunda parte do dia seria dedicado aos projetos. Para que eles pudessem unir os membros dos grupos com maior facilidade, dividimos a sala em setores. Assim, os alunos de cada grupo passaram a se sentar próximos uns dos outros. O local de cada grupo ficou enfeitado com os desenhos que haviam feito.

Ficou como tarefa de casa, de todos os dias enquanto durasse o projeto, que eles buscassem material sobre animais. As crianças poderiam trazer textos, histórias, figuras e/ou fotos. Eles deveriam auxiliar os colegas; se achassem material de pesquisa que pudessem ajudar outro grupo, também trariam para a classe.

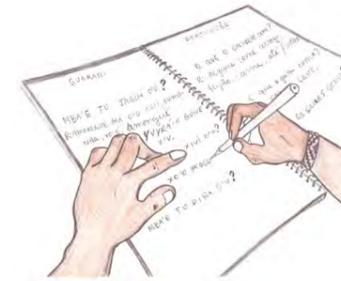
Também ficou a regra de que a cada dia pelo menos uma das questões colocadas deveria ser respondida. Isso ocorreria por meio de um pequeno texto que seria colocado numa pasta ao final da aula. Dei para cada grupo uma pasta de uma cor, com o nome do animal na frente.

As primeiras questões a serem respondidas seriam as questões gerais, preferencialmente na ordem em que foram colocadas. A resposta seria única para cada grupo, os colegas deveriam decidir como seria escrito o texto. Todos deveriam ser ouvidos e em caso de discordâncias poderia haver votação.

As etapas seguintes

Tudo ocorreu segundo o combinado, a cada dia os grupos foram respondendo as perguntas com pequenos textos. Para isso, no primeiro dia, procuramos livros e revistas que falavam sobre os animais.

Trabalhando desse jeito, as crianças aprenderam não só a escrever um texto com mais de um autor, mas também melhoraram na forma de realizar pesquisas. É que antes, eu apenas escrevia como tarefa, por exemplo: “pesquise sobre meio ambiente”, sem uma lista de questões para orientar. Então eles procuravam alguma coisa sobre esse tema apenas em um livro. Qualquer informação servia para cumprir a tarefa. Agora, com a lista que fizemos, às vezes, as crianças tinham de procurar informações em outros livros.



Todas as crianças escreviam a resposta que seu grupo dava às questões. Assim, ao final das pesquisas, cada membro do grupo tinha o seu “livrinho” sobre o tema. Então, quando o trabalho com o Projeto Filhotes terminou, os livrinhos foram trocados entre os alunos. Assim, a cada dia, eles levavam para casa um livrinho escrito por um colega. Desse modo, todos ficaram sabendo mais sobre os animais pesquisados.

Mas eu acho importante contar também o trabalho que eu fazia em paralelo, na primeira parte da aula. Para isso darei exemplos de algumas atividades que criei.

As atividades paralelas

Como eu disse, a primeira parte da aula era “normal”. Assim, como sempre, eu iniciava o dia contando uma história ou cantando uma música da nossa tradição. Depois, dava início às atividades dos conteúdos que estávamos estudando. Mas eu procurava, também nessa parte da aula, trazer algo relacionado a animais. Por exemplo, num dia eu contei a história de como os irmãos Kanyerú e Kamé criaram os animais. O meu povo, os Kaingang, contam assim a história da criação dos animais*. Mas outros povos contam de uma outra maneira. Cada professor precisa saber as histórias de seu próprio povo.

Depois da história ou da música, nas outras atividades, eu usava os dados que as crianças obtinham com a pesquisa sobre os animais para formular exercícios. Assim a curiosidade das crianças era mantida e eles não achavam essa parte “chata”. Além disso, esses exercícios nos auxiliavam a criar conhecimentos que o estudo isolado sobre algum animal não permitia. Veja alguns deles.

Da área de Geografia:

Exemplo 1: O grupo que estuda sobre os leões descobriu que existem duas espécies desse animal: o leão africano e o leão asiático. Isso significa que uma espécie nasceu na África e a outra na Ásia. Quais são os nomes dos outros continentes? Localize no mapa os cinco continentes.

*No final deste texto segue uma nota que contém o texto *A origem dos Kaingang e a criação dos animais*.

Exemplo 2: O urso polar vive no Polo Norte. Desenhe o globo terrestre indicando onde ficam o Equador, o Hemisfério Norte, o Hemisfério Sul, o Polo Norte e o Polo Sul.

Exemplo 3: Vários exercícios que eu passei explorava questões matemáticas, veja: Entre outras coisas, nossas pesquisas mostraram que:

Tempo de Gestação	
Urso Polar	270 dias
Leão	108 dias
Golfinho	360 dias
Onça-pintada	120 dias
Baleia Azul	330 dias

Coloque em ordem crescente para sabermos qual desses animais mais demora a nascer.

Qual a diferença entre o maior e o menor tempo de gestação?

O que devemos fazer para saber quantas semanas duram cada uma dessas gestações? E quantos meses?

Exemplo 4: Um livro dizia: a leoa tem de 2 (dois) a 5 (cinco) filhotes.

O que isso significa?

Se duas leoas estiverem grávidas, qual o número máximo de filhotes que nascerão?

E qual é o número mínimo?

Exemplo 5: Tinha também exercícios de línguas (além da produção de textos):

Coloque, em português, o nome do feminino dos animais abaixo:

- leão
- arara-vermelha
- urso
- cachorro
- baleia

Exemplo 6: Entre as pessoas que moram perto dos rios onde tem piranhas existe um ditado: "Em rio de piranha, jacaré nada de costas". Isso significa que todos aqueles que entram nesses rios, até mesmo os jacarés, devem ter cuidados especiais ou serão atacados por elas.

Pesquise junto a seus pais e avós os ditados que eles conhecem, criados a partir da sabedoria do nosso povo. Escreva pelo menos dois deles na nossa língua.

Nem preciso dizer que na área de ciências as crianças aprenderam muito, não é? Ficaram sabendo sobre várias espécies de animais: hábitos alimentares, formas de reprodução, habitat etc. Na verdade, eles aprenderam muito mais também sobre as outras disciplinas. Foi bastante interessante trabalhar com esse projeto.

NOTA:

O texto *A origem dos Kaingang e a criação dos animais* pode ser encontrado na íntegra no site <http://www.terrabrasileira.net/indigena/mitos/kaingang.html>

A tradição dos Kaingang afirma que os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Numa serra, não sei bem onde, no sudeste do Estado do Paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje lá e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kanyerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanyerú e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas atitudes, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e decisões.

Como esses dois irmãos com a sua gente foram os criadores das plantas e dos animais, e povoaram a Terra com os seus descendentes, tudo neste mundo pertence ou à metade Kanyerú ou à metade Kamé, conhecendo-se a sua descendência já pelos traços físicos, já pelo temperamento, já pela pintura: tudo o que pertence a Kanyerú é manchado, o que pertence a Kamé é riscado. Essas pinturas, o índio vê tanto na pele dos animais como nas cascas, nas folhas ou nas flores das plantas, e para objetivos mágicos e religiosos cada metade emprega material tirado de preferência de animais e vegetais da mesma pintura. Kanyerú fez cobras, Kamé, onças. Este fez primeiro uma onça e a pintou, depois Kanyerú fez um veado. Kamé disse à onça: "Come o veado, mas não nos coma!" Depois ele fez uma anta, ordenando-lhe que comesse gente e bichos. A anta, porém, não compreendeu a ordem. Kamé repetiu-lhe ainda duas vezes, em vão; depois lhe disse, zangado: "Vai comer folhas de urtiga! Não prestas para nada!"

Kanyerú fez cobras e mandou que elas mordessem homens e animais. Queimou um espinho chamado sodn e esfregou a cinza nos dentes da cobra a fim de torná-los venenosos. Kamé quis então fazer um animal muito feroz, e começou a fazer o tamanduá. Eles estavam trabalhando durante a noite, e quando o dia começou a romper, o tamanduá ainda não estava pronto: já tinha unhas enormes, mas a boca ainda estava por fazer. Então Kamé arrancou um cipó e meteu-o como língua na boca do estranho animal, que ficou mal acabado.

Quando já estava claro, eles começaram a correr, e logo uma onça pegou um Kanyerú, e Kamé foi mordido por uma cobra. Pararam para tratar o doente, quando o surucuá (Trogon sp) cantou: Tug! Tug! Tug! Um velho explicou essa cantiga como tu (carregar) e mandou que carregassem o doente para o lugar do acampamento. Um pequeno gavião cantou: Tokfín! (amarrar) e o velho mandou amarrar o membro lesado. Um outro passarinho cantou: Ngidn! (cortar), e eles abriram a ferida com um corte. Outro cantou: landyóro! (espremer) e eles espremeram a ferida. Por fim um outro cantou: Kaimparará! (kaimpára - inchado), e o velho disse: "Isto é um mau grito! Amanhã o membro estará inchado!" Assim foram tratando o doente até que se restabelecesse.

2. Tema gerador

2.1 De um convite aos alunos para escolher um tema gerador

O professor inicia a aula dizendo que estariam, a partir de então, trabalhando de modo a compreender uma situação da realidade social por eles escolhida – um tema gerador. O professor deve apresentar esse novo modo de trabalhar, expondo momentos pedagógicos, em geral por ele vivenciado com outros grupos de alunos e alunas, que se deram a partir de um tema gerador, convidando-os, então, a escolha de um ou mais temas. Nessa explanação, é importante o professor apresentar algumas ideias de temas interessantes para o grupo assim como explicitar que a exploração de um tema não é somente um meio para a formulação de problemas, mas também um procedimento para compreender mais criticamente a realidade estudada.

2.2 De um tema gerador escolhido pelo professor

Cabe ao professor iniciar uma conversa com e entre os alunos a partir de um tema escolhido. Vale aqui ressaltar que essa proposta de encaminhamento não prioriza, como na anterior, partir de situações da vida real. Na verdade, a arte do professor, aqui, consiste mais em fazer nascer perguntas - ligadas ao tema por ele escolhido - que possam levar à aprendizagem de conteúdos importantes para aquele grupo e, de acordo com o interesse dos alunos, procurar encaminhá-las, enquanto problemas a serem resolvidos pelo grupo.

O bicho peludo e os bichos chifrudos

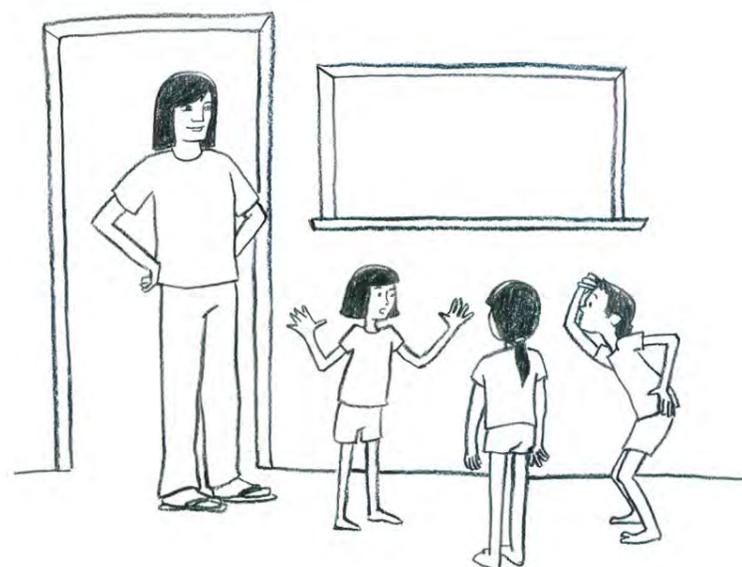
Como nasceu a ideia do passeio e como as coisas foram resolvidas

Quando eu fiz o curso para professores indígenas, disseram que na sala de aula é importante o professor estar atento para situações que pareçam interessantes e significativas para os alunos. Eles diziam que a partir daí, o professor deveria conversar mais com os alunos. Na conversa, tentaria descobrir

o que os deixou alegres, ou tristes, ou curiosos, ou do jeito 'diferente' que estavam. Depois o professor pensaria em aproveitar aquele assunto para ensinar alguma coisa durante suas aulas. No curso disseram ainda que, de acordo com a situação do momento, o professor poderia fazer uso da criatividade para mudar o que havia planejado para aquele dia. Mas disseram também que talvez fosse mais proveitoso (e fácil), ele dar a aula como tinha pensado e deixar para voltar àquele assunto na aula seguinte. Foi o que aconteceu comigo.

Um dia cheguei na classe e vi que vários alunos estavam numa conversa animada. De um lado, uns diziam: "É o peludo!". Enquanto outras crianças, por outro lado, discordavam: "É o chifrudo!". Outro grupo ria e fazia diferentes barulhos, como "Méeeee!" ou "Béeeee!". Alguns colocavam as mãos sobre a cabeça imitando chifres e correndo atrás dos colegas como se fossem chifrá-los. Eu achei engraçada aquela discussão, mas pedi que se sentassem. Quando se sentaram, pedi que explicassem o que estava acontecendo.

Um menino contou que na tribo de seus parentes de Mato Grosso as crianças estavam passando fome. Lá muitas crianças morriam de desnutrição, e um médico tinha sugerido a eles que criassem cabras para ter mais leite para as crianças. Foi então que um colega perguntou: "Cabra é o bicho chifrudo ou é o bicho peludo?".



Esse havia sido o início da discussão. Como esse menino, vários dos seus colegas não conheciam cabras nem ovelhas. Uns achavam que cabra era peluda. Outros diziam que ela não era peluda, mas que era chifruda. Eles não conseguiam se entender a esse respeito. Na hora, eu pensei que essa era uma das situações para as quais eu deveria "ficar atenta", como disseram no curso de professores. Então eu prometi às crianças que depois eu poderia ajudá-las a resolver o problema. Disse-lhes que no dia seguinte, eu voltaria a ele, e dei a aula que eu tinha planejado.

Passei a tarde pensando em como eu ia cuidar disso. Lembrei que essa poderia ser a oportunidade para levar as crianças a um passeio fora da aldeia, o que eu já estava querendo fazer havia tempo. Telefonei, então, para um amigo que tem um sítio. Contei a ele a situação. Ele concordou com a minha ideia de levar as crianças lá, e disse que até daria um lanche para nós. Meu amigo me contou que no sítio tinha uma horta, um pomar e muitos animais. Ele tinha bois, vacas, cavalos, éguas, porcos, patos, galinhas, cachorros, gato e cabras; mas ele não tinha ovelhas. Ele me falou também que poderia pedir uma ovelha emprestada de um vizinho, e que as crianças poderiam vê-la. Só que isso tinha de ser no próximo dia; pois ele tinha que ter tempo para ir pegar a ovelha e levar ao sítio. Combinamos então que daí dois dias eu iria lá no sítio dele com as crianças. Combinada essa parte, telefonei para outros amigos para conseguir carros para levar as crianças. Consegui acertar tudo! Agora eu tinha que preparar a aula para o dia seguinte. Pensei que seria legal falar de alguma coisa relacionada ao passeio, ou ia ficar difícil os alunos prestarem atenção no conteúdo. E as ideias foram chegando...

A aula no dia anterior ao passeio

Logo no começo da aula, contei aos alunos sobre a ideia do passeio no sítio. Mas eu falei que tínhamos que conseguir a autorização dos pais naquele mesmo dia, pois no dia seguinte, sairíamos logo cedo. Eu não falei nada sobre os carros que vinham nos buscar, e perguntei a eles: "Como chegaremos até o sítio? Ele fica longe!".

Eles queriam saber o quanto era longe, se não daria para chegar lá andando a pé. Eu não dei a resposta direto. Disse a eles que tínhamos de fazer as contas

para saber, e pedi que pegassem a régua e vissem marcados ali os centímetros. Em seguida, contei a eles que um metro são cem centímetros. Usamos, então, uma régua e um giz para marcar, no chão ao lado da parede da sala de aula, quanto dava um metro. Feito isso, cortamos uma vara daquele mesmo tamanho. Convidei os alunos a sair da classe. Lá fora, usando a nossa “vara-metro” marcamos, no chão, dez metros. Depois disso expliquei a eles que um quilômetro eram mil metros, e que o sítio ficava a mais ou menos 20 km da aldeia. Logo eles concluíram que não daria para ir a pé. Passaram, então, a sugerir outras formas de chegarmos até lá. Aproveitei essa discussão para falar aos alunos sobre os meios de transporte. Brincamos que não daria para ir de navio nem barco, nem avião ou trem. Só se fosse mesmo num carro ou a cavalo. Achei que estava na hora de acabar com a preocupação deles. Contei-lhes que já havia pensado nisso e conseguido carros para vir nos buscar. Foi um alívio e uma felicidade para eles. Eu aproveitei esse momento para falar sobre segurança no transporte e sobre as condições de manutenção das rodovias brasileiras. Falei também que existem estradas federais, estaduais e municipais, e como eles poderiam identificá-las pelas siglas BR, SP etc.

Quando voltamos para a sala de aula, eu disse para os alunos que nosso passeio era também uma forma de aprender. Falei que no sítio eles deveriam ficar atentos a tudo e que já estávamos aprendendo alguma coisa com esse passeio. Tinham agora que escrever no caderno o que aprenderam sobre medir as distâncias. Escrevi também no quadro sobre os meios de transportes e as rodovias. No restante da aula passei exercícios sobre esses conteúdos. Na hora de ir embora, lembrei-os de conseguir a autorização dos pais para o passeio e, também, de chegar mais cedo à escola.

Preparando-me para levar as crianças ao sítio

Eu sabia que a visita ao sítio não deveria ser apenas um passeio, mas também uma situação pedagógica. Por essa razão, fiquei pensando nos objetos ou situações que eu deveria chamar a atenção das crianças para poder explorar depois em sala de aula. A partir dessa preocupação, tracei algumas possibilidades. A própria brincadeira que deu origem ao passeio levou ao primeiro item.

Coisas que deverei fazer no sítio:

Quando estivermos junto aos animais. Chamar atenção para as suas “vozes”, informando às crianças os nomes corretos (mugido, balido, grasnado, cacarejo, miado, latido, relincho etc.).

A partir das características dos animais, falar sobre os usos que fazemos do leite, da lã, da carne, entre outros.

Na horta: chamar atenção para os formatos dos canteiros e para a forma de organizar as hortaliças.

De maneira geral, na horta, no lanche, e ao ver os animais, comentar sobre a importância de uma alimentação adequada.

Eu sabia que a própria curiosidade deles nos levaria a alguns caminhos. Assim, durante todo o tempo, eu deveria ficar atenta as suas reações e perguntas. Até levei um caderno e caneta para anotar essas coisas, para depois não esquecer as ideias.

O passeio: conhecendo o bicho chifrudo e o bicho peludo, entre outras coisas

Nossa viagem de ida foi tudo bem. Quando chegamos ao sítio, as vacas ainda estavam no curral, presas para a ordenha. Isso foi bom, as crianças puderam observar bem a atividade. Elas olhavam e, ao mesmo tempo, iam fazendo perguntas para o meu amigo – que nos acompanhou todo o tempo. Uma das perguntas me chamou a atenção. Uma criança perguntou ao dono do sítio quantas vacas cabiam ali. Meu amigo respondeu: “Cabem mais ou menos entre 12 a 15 vacas”. E eu pensei que a partir daquela pergunta, depois, poderíamos trabalhar cálculo estimativo. Anotei no meu caderno!

Depois do curral, fomos visitar os personagens principais da nossa história – os bichos chifrudos e os peludos, isto é, as cabras e as ovelhas. Meu amigo tinha prendido uma cabra e uma ovelha lado a lado, e as crianças puderam olhá-las com cuidado. Olharam, compararam os animais e resolveram o dilema que havia gerado a discussão em sala de aula. Mas logo depois, tudo ficou bem engraçado. É, que meu amigo disse que o dono da ovelha havia permitido que ele fizesse a tosquia, isso é, tirasse a lã da ovelha para as crianças verem como era. Quando ele acabou de tirar a lã, as crianças riram muito dizendo: “Agora o bicho peludo virou bicho pelado”. E eu disse que agora alguém é que iria vestir a

“roupa” dele. E falei sobre os modos como as pessoas se beneficiam desses animais. Também anotei no meu caderno uma ideia que tive. A ideia foi a de que depois, poderíamos fazer uma pesquisa histórica sobre roupas – incluindo os desenhos e tintas da nossa tradição.

Durante a visita ao curral, à cabra e à ovelha, eu me lembrei de chamar atenção para as suas “vozes”. Fiz o mesmo para com os outros animais que encontramos pelo caminho – cachorro, gato, patos, porcos e cavalos.

Em seguida, fomos à horta. Meu amigo mostrou as diferentes hortaliças que tinha ali. Num canteiro, tinha cebolinha, salsa, alho e cebola em cabeça. Num outro canteiro maior, tinha cenoura, beterraba, alface e couve. Havia mais um canteiro, com ervas muito usadas para chá – hortelã, erva-cidreira, camomila, erva-doce e boldo.

Eu falei para as crianças prestarem atenção no formato dos canteiros – dois retangulares e um quadrado. Chamei atenção também para o modo como as plantas estavam organizadas. Elas não eram misturadas. Cada uma ocupava um espaço separado do canteiro, onde elas ficavam em filas e colunas certinhas. Eu chamei os lados maiores dos canteiros de filas, e os lados menores de colunas.

E comecei, ali mesmo, a dar noções de organização no plano, dizendo, por exemplo: “Olhem como aquele pé de cenoura que está na segunda fila e terceira coluna está maior que os outros”; ou: “Tem uma borboleta em cima daquele pé de alface que está na primeira fila e quarta coluna!”. No começo, eu falava e apontava, depois continuei fazendo comentários desse tipo e não apontando. Um das crianças ajudavam as outras a localizar as plantas às quais eu me referia.

Dei especial atenção para o canteiro onde estavam as ervas usadas para o chá. Tirei folhinhas e passei para as crianças cheirarem. Anotei no meu caderno que depois, poderíamos fazer uma pesquisa na aldeia sobre a medicação natural da nossa tradição.

Depois de tudo isso, meu amigo nos levou para lanchar. A esposa dele tinha preparado bolinho de chuva. Tinha leite também e melancia. Foi essa a hora que eu aproveitei para comentar sobre o valor de uma alimentação saudável. Depois de tudo, meu amigo ainda levou as crianças para uma volta de trator. Eles adoraram, e foi assim que nossa visita terminou. Nossa viagem de volta também foi muito boa.

Meus planos

Cheguei na escola cansada, mas tinha sido muito bom. A curiosidade das crianças ainda poderia ser aproveitada por muito tempo. Eu tinha muitas ideias, além das que tinha anotado no caderno e resolvi listar tudo para ir usando durante o ano. Depois eu fui elaborando atividades para elas. Não lembro direito a ordem em que dei os conteúdos para as crianças, mas vou colocar aqui, algumas das atividades que fizemos.

Conhecendo melhor os animais (atividades de Ciências usando jogos)

No passeio, eu já havia comentado com as crianças sobre algumas características dos animais do sítio e depois resolvi usar as informações para montar alguns joguinhos de cartas. Eles são fáceis de serem feitos, e o professor pode até pedir que as próprias crianças façam os desenhos e embaixo escrevam, na língua materna e em português, o nome daquilo que foi desenhado. O jogo que chamei de “O que podemos fazer com eles?” mostrava às crianças alguns dos produtos fornecidos pelos animais do sítio. E um outro jogo, que chamei de “Jacaré Maluco”, era para diferenciar mamíferos, peixes, aves e répteis.

Jogo 1

Nome: O que podemos fazer com eles?

Número de participantes: de 2 a 4.

Objetivo: formar pares com um animal e um produto que podemos obter por meio dele.

Número de cartas: 18 – nove com desenhos de animais, e outras nove com desenho de produtos que eles fornecem. Podem ser, por exemplo: ovelha e lã, porco e linguiça, galinha e ovos, vaca e leite, cavalo pastando e cavalo servindo de montaria, peixe nadando e alguém comendo peixe, entre outros.

Como jogar: como um jogo de memória, isto é, todas as cartas serão embaralhadas, colocadas viradas para baixo e arrumadas em três fileiras, cada uma com seis cartas. As crianças decidem quem vai começar – pode ser por meio do par ou ímpar, por exemplo. Aquela que começa deverá desvirar duas cartas e ver se elas fazem um par. Caso isso ocorra, ela ficará com as cartas e as colocará ao seu lado. Se não formarem par, as cartas deverão ser viradas novamente com o desenho para baixo e mantidas no mesmo lugar das fileiras em que estavam. As crianças continuam com a brincadeira, até que todos os pares sejam formados. Ganha a criança que tiver conseguido formar mais pares.

Jogo 2

Nome: Jacaré Maluco

Número de jogadores: 3

Objetivo: formar um grupo de cartas na qual estejam desenhadas somente mamíferos, ou somente peixes ou somente aves.

Número de cartas: 19 + 3

6 de peixes (pintado, traíra, dourado, atum, espada – ou quaisquer outros da região)

6 de mamíferos (gato, cachorro, vaca, baleia, morcego, égua ou outros)

6 com diferentes aves (arara, pomba, gavião, galinha, pato, avestruz ou outros)

1 com um jacaré

3 cartas – Uma escrita mamíferos, outra peixes, e outra escrita aves.

Modo de jogar:

Sorteio: as três cartas escritas mamíferos, peixes e aves devem ser colocadas viradas para baixo e embaralhadas. Cada uma das crianças pegará uma. A partir de então, o seu objetivo será montar um grupo que tenha a característica sorteada.

Jogando: o jogo será realizado como no do Mico, só que ele foi trocado por um jacaré (que é réptil). Assim, as três crianças distribuem as cartas entre si. Cada criança verifica as cartas que recebeu e separa aquelas que cumprem o seu objetivo, colocando-as sobre a mesa ou o chão. Feito isso, mantém nas mãos as cartas restantes viradas para si mesmo, os outros jogadores não podem ver o que está desenhado nelas. A que ficar com menos carta escolhe uma das cartas de seu vizinho da esquerda e verifica se com ela também cumpre seu objetivo. Se isso acontecer, deve deixá-la junto com as outras que já estavam separadas. Se a nova carta que obteve não cumprir seu objetivo, a criança deverá mantê-la em sua mão e esperar a sua vez na próxima rodada. Agora o seu vizinho fará o mesmo com relação a quem tiver à esquerda dele. Isso continuará, até que nas mãos de uma das crianças restar apenas o jacaré – que não faz parte do objetivo de nenhum dos jogadores. Essa criança que ficar com o jacaré perde o jogo.

** Para fazer os joguinhos, o professor ou as crianças podem cortar pedaços de cartolina ou de papel cartão com 5cm de largura por 9 de altura. Também pode ser folha sulfite colada num papelão. As cartas escritas mamífero, aves e peixes podem ser de 5 cm de largura e 4 cm de altura.

Uma fazendinha de elástico – Atividades de Matemática usando o geoplano

O passeio no sítio serviu para que depois eu introduzisse o cálculo de áreas e perímetros. Para isso, inicialmente, usei alguns geoplanos que eu mesma fiz. É fácil. Basta pegar uma tábua, uma régua e um lápis. Depois, deve-se riscar, na tábua, linhas paralelas na horizontal e na vertical obtendo quadrados de, por exemplo, de 1 cm de lado. Fica assim:

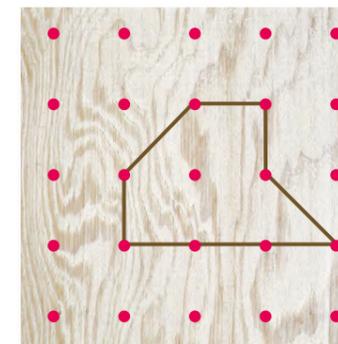


É preciso ter cuidado na hora de desenhar os quadrados, para que fiquem com as mesmas medidas. Pronto esse desenho, fixa-se um prego nos encontros das linhas, isto é, em cada vértice dos quadrados formados. O geoplano já está pronto.

Esqueci de dizer que você pode escolher para o seu geoplano o tamanho que quiser, pode ser, por exemplo, 5x5, 8x8 etc.

Para usar o geoplano, é preciso elástico – do tipo daquele que é utilizado para prender dinheiro ou amarrar sacos de pamonha. E depois é só “brincar” com eles.

No primeiro dia que eu usei o geoplano com as crianças, desenhei no quadro um quadrado, um retângulo, um triângulo, um trapézio e um paralelogramo e pedi que usando um elástico, elas reproduzissem no geoplano os desenhos que eu havia feito. Todos conseguiram, mas fizeram de diferentes tamanhos. Depois eu deixei que eles viessem até o quadro e sugerissem figuras para os colegas reproduzirem em seus geoplanos. Eles brincaram muito esse dia, só no dia seguinte é que a brincadeira ficou mais séria.



Eu disse para as crianças que íamos “desenhar” no geoplano uma parte do sítio que tínhamos visitado. Avisei para eles que os desenhos de todos nós, ao final, deveriam ter o mesmo tamanho. Então, no quadro, fiz um, desenhei um quadrado grande, todo quadriculado, 6x6 – e embaixo escrevi “curral”. Desenhei quadrados menores dizendo que eram as hortas. Tinha um quadrado 4x4 reproduzindo o canteiro onde ficavam as cenouras, beterrabas, alfaces e couves; um quadrado de 3cm de lado reproduzindo o canteiro das cebolinhas, salsas, alhos e cebolas em cabeça e, o pequeno de 2x2 que era os das ervas para chá. Depois disso, pedi que eles passassem os desenhos para os seus cadernos.

Feito isso, expliquei-lhes os conceitos de perímetro e de área e lhes ensinei a calcular usando o geoplano. Depois que as crianças tinham feito vários exercícios para calcular áreas e perímetros, conseguiram chegar à conclusão que a área do retângulo é a base vezes a altura. É verdade que muitas outras atividades podem ser feitas com o geoplano, crianças maiores podem fazer cálculos de áreas de outras figuras; mas para a série que eu estava dando aulas, o objetivo era até cálculo de área de retângulos. Então mostrei a eles uma outra brincadeira usando o geoplano.

Ensinei aos meus alunos como desenhar numa folha uma malha quadriculada do tamanho do nosso geoplano. Depois marquei retângulos de 1x1, 2x2 e 3x3, dizendo que o primeiro representava uma canoa, o segundo retângulo representava um barco a motor, e o terceiro era um navio. E então expliquei a eles como brincar de batalha naval. E você conhece essa brincadeira? Eu gosto, se você não conhece, procure alguém que possa ensinar a você, acho que vai gostar...

Atividades sobre alimentação (Ciências, História e Matemática)

Para continuar os estudos sobre alimentação saudável, primeiro tive que explicar um pouco de matemática às crianças. Falei sobre as pirâmides. Disse-lhes que a base de uma pirâmide pode ser um triângulo, um quadrado ou um retângulo – e levei, feitas em papel, uma pirâmide de cada um desses tipos. Levei também alguns moldes que as crianças dobraram e colaram construindo suas próprias pirâmides. Em seguida, expliquei o que é uma pirâmide alimentar.

Falei-lhes que numa pirâmide alimentar, estão indicados quais são os alimentos mais saudáveis e em que quantidade devem ser consumidos. Eu tinha levado uma desenhada numa cartolina e deixei-a pregada no nosso painel. Como tarefa, pedi às crianças que fizessem algumas pesquisas sobre as mudanças de hábitos alimentares da tribo. Nessa pesquisa, eles perguntaram aos velhos sobre os alimentos que tinham à disposição do nosso povo quando eles eram jovens.

Na aula seguinte, nós utilizamos os dados que foram recolhidos junto aos membros mais velhos da tribo para fazer uma pirâmide alimentar. Em seguida, verifiquei quais eram os alimentos mais consumidos pelas próprias crianças, e juntos, nós fizemos uma outra. Finalmente, pegamos as duas pirâmides alimentares que tínhamos construído, comparamos e analisamos qual era a mais saudável – a que nosso povo usava antigamente ou a atual.

Na sequência dos estudos sobre alimentação saudável, preparamos, junto com a cozinheira da escola, um suco de laranja e uma receita de bolo que levava cenoura e beterraba. Eu aproveitei para chamar atenção das crianças para as medidas usadas por ela. Ao final, fizemos um gostoso lanche festivo.

Atividades de línguas

Lembro-me de que pedi para as crianças fazerem uma redação relatando o que tinham achado do nosso passeio no sítio.

Ensinei-lhes ainda os nomes dos coletivos dos animais.

Brincadeiras

Como foi escolhido o tema

1º Momento

Já fazia alguns dias que as crianças estavam inquietas fazendo com que ficasse difícil dar as aulas. Foi então que tive a ideia de que poderíamos trabalhar com um tema que elas escolhessem. Eu já havia estudado sobre esse método no curso de formação de professores indígenas, mas seria a primeira vez que o utilizaria. Achei que valia a pena tentar.



Decidido, quase no final da aula, falei para meus alunos que se eles cooperassem mais nos próximos dias, assim que terminássemos aquele bimestre, depois da avaliação, poderíamos estudar o tema que escolhessem. Expliquei a eles o que era um tema, disse que é um assunto amplo, dentro do qual cabem outros e assim, individualmente ou em grupo, eles poderiam escolher, dentro desse assunto

maior, aquele que mais lhes agradasse.

Para eles entenderem, eu disse: "Alimentação é um tema – e frutas, legumes, carnes, doces,... são subtemas. Filmes é um tema – alguns dos seus subtemas são de terror, de humor, infantil etc". Eles ficaram animados e começaram a conversar entre si. Eu perguntei: "Alguém pode dar um exemplo?" Um falou: "Família e os subtemas são pai, mãe e filhos". Outro disse: "Animais, com os subtemas bichos que voam, bichos que nadam, bichos que correm."

Eu disse: "Muito bem, mas é para vocês pensarem em casa sobre o que gostariam de estudar e então, na próxima aula, faremos a escolha." Dei um tempo para que eles pensassem mais na ideia de trabalhar com um tema gerador e os deixei conversar entre si sobre o assunto. Eles falavam sobre suas ideias, por vezes tentando convencer o colega a aliar-se na escolha de um certo tema. Eu achei que naquela hora mesmo eles já estavam aprendendo alguma coisa, que era conversar com o colega para negociar uma aliança.

2º Momento

No outro dia, já no início da aula, eu lembrei os alunos do compromisso que eles tinham assumido, e a aula foi um pouco mais tranquila. Na segunda parte da aula, pedi que cada um apresentasse sua sugestão. Talvez como resultado das negociações que tinham feito no dia anterior, alguns sugeriram o mesmo tema. Eu tenho dezesseis alunos e as sugestões dadas ficaram assim:

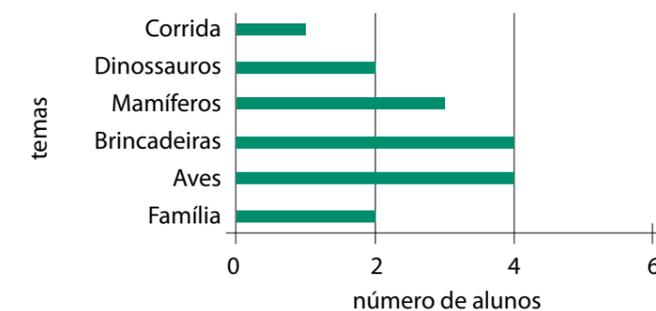
- **Família:** dois alunos
- **Aves:** quatro alunos
- **Brincadeiras:** quatro alunos
- **Mamíferos:** três alunos
- **Dinossauros:** dois alunos
- **Comidas:** um aluno

Já fazia um tempo que eu queria falar com meus alunos sobre gráficos, pois eles aparecem frequentemente nos meios de comunicação como revistas, jornais, televisão etc, sendo assim, achei que seria interessante ensiná-los a ler, interpretar e construir gráficos.

Falei para eles que iríamos começar a fazer o estudo de gráficos com as sugestões deles. Isso ia servir para tudo ficar registrado desde o início do trabalho. Então fiz um quadro e expliquei que para cada aluno que tinha escolhido seu tema preferido, eu iria pintar um retângulo. Assim, no tema família eu pintaria dois retângulos, pois foi o assunto escolhido por dois alunos da classe, e assim fomos pintando cada retângulo de acordo com a escolha de cada um dos alunos.

Veja como ficou:

Escolha dos temas pelos alunos da classe



Com o gráfico pronto, eu comentei: “Viram, agora ficou mais fácil perceber nessa escolha de tema que temos dois assuntos empatados em primeiro lugar, pois foram os temas mais votados pelos alunos. Quais são?”

Eles responderam, olhando para o gráfico, que eram aves e brincadeiras. E eu continuei: “Tem outro empate?”. Eles disseram que sim, também tinha empate entre os temas Família e Dinossauros. As crianças me ajudaram a reconstruir o gráfico da lousa em uma folha de papel para colocar no mural da sala.

Decidimos que na próxima aula, teríamos que pensar mais no assunto, e chegarmos a um acordo de qual seria o tema a ser trabalhado por todos. Neste momento, tivemos um impasse. Como escolher o tema a ser trabalhado pela sala se tivemos várias opções? Além do mais, tinha havido um empate nos mais votados.

Foi então que por sugestão das crianças, resolvemos realizar uma nova votação, considerando agora somente os três temas mais votados inicialmente, isto é, aves, brincadeiras e mamíferos.

Os alunos mal podiam aguardar até o dia seguinte para realizar a nova votação e a construir um novo gráfico, naquele momento, começaram a manifestar suas preferências. Em meio a esta euforia, paramos nossa conversa porque eu ainda tinha de passar a tarefa de casa.

3º Momento

Eu tinha resolvido que na primeira parte da aula eu continuaria o assunto que eles já vinham estudando e que, depois do recreio, falaríamos sobre o tema a ser estudado. Sem dúvida, essa parte da aula era a mais animada. Como combinado, após o recreio, fizemos a votação, considerando agora somente os três temas mais votados. A disputa foi interessante, até a metade da votação houve equilíbrio entre a escolha do tema, mas no final, o tema brincadeiras venceu.

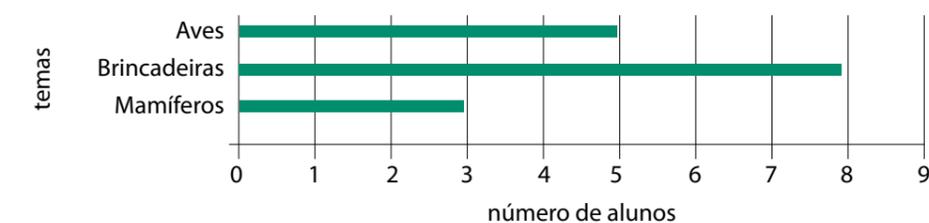
Veja como ficou o resultado final:

Aves: cinco alunos

Brincadeiras: oito alunos

Mamíferos: três alunos

“Muito bem, venceu o tema das brincadeiras.” - disse eu. O grupo que o sugeri comemorou, mas os colegas também ficaram entusiasmados. Convidei-os novamente a fazer um gráfico sobre o tema que estudariam. Dessa vez, ficou assim:



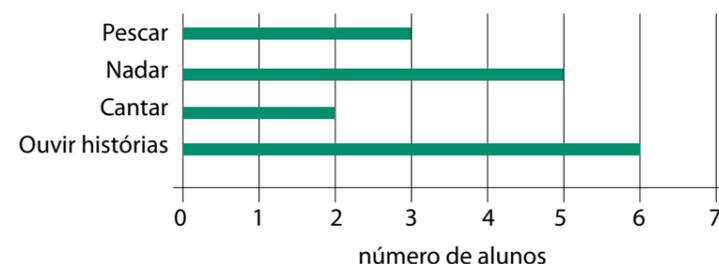
A essa altura não mais havia inquietação e dispersão por parte dos alunos, todos participavam da atividade, até mesmo aqueles aluninhos mais tímidos, que poucas vezes diziam algo, percebi então que todos estavam confiantes e ansiosos pelo próximo passo. Isso me realizava como professor, e a cada manifestação dos alunos, eu sentia mais confiança em prosseguir com minha aula, que agora ganhava vida em suas ações.

Como ainda tinha tempo sobrando, eu disse a eles que iríamos fazer outro gráfico. Agora seria o gráfico dos subtemas, isto é, suas atividades preferidas. Eles sugeriram algumas para eu colocar no gráfico e eu escolhi quatro: pescar, nadar, cantar, ouvir histórias. Cada um ia dizendo qual dessas atividades era a que mais gostava, e eu no quadro colocava, na frente do nome de cada atividade, um x. Ficou assim:

Brincadeiras preferidas	
Pescar	x x x
Nadar	x x x x x
Cantar	x x
Ouvir histórias	x x x x x x

Depois fui chamando alguns alunos para completar o quadro, que ficou igual a esse logo abaixo.

Brincadeiras preferidas



Eles não tiveram problemas em fazer junto comigo esse gráfico, e então, eu passei outros para eles fazerem em casa. Mas também passei uns exercícios sobre outras matérias.

De qualquer modo, agora já sabíamos o tema que seria trabalhado nas aulas assim que aquele bimestre acabasse.

A preparação para trabalhar com o tema

Eu estava preocupado. O que os alunos poderiam estudar sobre brincadeiras? Eu não tinha ideia de que conteúdo escolar daria para eles estudarem a partir desse tema, mas eu tinha prometido que poderiam estudar o que escolhessem. Ainda bem que ainda faltava um tempo para começarmos.

Resolvi falar da minha preocupação com um outro professor, um colega da escola que é meu amigo.

Ele dá aula para crianças menores e gostou da ideia de também trabalhar com seus alunos o tema das brincadeiras. Agora ficou melhor, nós poderíamos planejar alguma coisa juntos. Ele é bom de ideias e falou que nós podíamos já ir pedindo para as crianças trazerem material para estudar o tema que tinham escolhido, poderia ser qualquer coisa: figuras, fotos, músicas ou textos que falassem sobre brincadeiras.

Assim, na próxima aula, meu amigo já conversou com os alunos dele – que logo ficaram animados. Nos outros dias, junto com a tarefa de casa, nós pedíamos aos nossos alunos para trazerem alguma coisa sobre brincadeiras.

E assim foram chegando coisas que eu e meu colega íamos juntando e olhando juntos. Todos os dias dávamos notícias aos alunos dizendo coisas do tipo: “Hoje conseguimos uma história” ou “Uma menina trouxe uma música”. Eles continuavam animados, e já estavam ficando ansiosos para começar a estudar o tema. Para falar a verdade, eu também. Meu colega já tinha resolvido que o tema “brincadeiras” seria usado por seus alunos para estudar línguas – a partir de textos que fariam sobre diferentes tipos de brincadeira de que eles gostavam.

Um dia nós pegamos tudo o que tínhamos juntado e fomos olhar com cuidado. Então, a música Pindorama, de Luiz Tatit e Sandra Peres me chamou a atenção. Ela é bem conhecida, está sempre sendo cantada pelas crianças, inclusive as não-indígenas.

Terra à vista!

(Palavra Cantada) - Luiz Tatit e Sandra Peres

Pindorama, Pindorama	Para as índias, para as índias
É o Brasil antes de Cabral	Mas as índias já estavam aqui
Pindorama, Pindorama	Avisamos: "olha as índias!"
É tão longe de Portugal	Mas Cabral não entende tupi
Fica além, muito além	Se mudou para o mar
Do encontro do mar com o céu	Ver as índias em outro lugar
Fica além, muito além	Deu chabu, deu azar
Dos domínios de Dom Manuel	Muitas naus não puderam voltar
	Mas, enfim, desconfo
Vera Cruz, Vera Cruz	Não foi nada ocasional
Quem achou foi Portugal	Que Cabral, num desvio
Vera Cruz, Vera Cruz	Viu a terra e disse: "Uau!"
Atrás do Monte Pascoal	Não foi nau, foi navio
Bem ali Cabral viu	Foi um plano imperial
Dia 22 de abril	Para aportar seu navio
Não só viu, descobriu	Num país monumental
Toda a terra do Brasil	
	Ao Álvares Cabral
Pindorama, Pindorama	Ao El Rei Dom Manuel
Mas os índios já estavam aqui	Ao índio do Brasil
Pindorama, Pindorama	E ainda quem me ouviu
Já falavam tupi-tupi	Vou dizer, descobri
Só depois, vêm vocês	O Brasil tá inteirinho na voz
Que falavam tupi-português	Quem quiser vai ouvir
Só depois com vocês	Pindorama tá dentro de nós
Nossa vida mudou de uma vez	
	Ao Álvares Cabral
Pero Vaz, Pero Vaz	Ao El Rei Dom Manuel
Disse em uma carta ao rei	Ao índio do Brasil
Que num altar, sob a cruz	E ainda quem me ouviu
Rezou missa o nosso frei	Vou dizer, vem ouvir
Mas depois seu Cabral	É um país muito sutil
Foi saindo devagar	Quem quiser descobrir
Do país tropical	Só depois do ano 2000
Para as Índias encontrar	

Então eu e meu colega ficamos conversando sobre essa música. Nós lembramos que enquanto nas escolas não-indígenas as crianças aprendem sobre o "Descobrimento do Brasil", nós entendemos que esse descobrimento tratou-se da invasão de terras já habitadas por nossos ancestrais. E hoje nós somos considerados invasores e as nossas terras são demarcadas de acordo com os interesses de madeireiros, seringueiros, mineradores etc.

Todos os povos têm seus costumes e suas tradições, mas infelizmente muitas pessoas nos veem como se fôssemos todos iguais e como se fizessemos sempre as mesmas coisas. E ainda consideram nossos costumes um folclore ou algo do tipo.

Ficamos falando sobre isso, e meu amigo disse: "Nosso maior desafio na atualidade é manter viva nossa riqueza cultural, o homem branco precisa entender que 'o selvagem procede como civilizado' e que os povos indígenas não podem ser tratados como iguais simplesmente porque não são." Então eu falei: Os alunos nas escolas não-indígenas não sabem da nossa história e nem se interessam em saber por que brincam ou cantam músicas de índios. Foi aí que meu amigo disse: "E os nossos alunos? São índios, mas eles sabem quais são os outros povos indígenas brasileiros? Sabem onde moram, sabem sobre a sua cultura?".

Meu colega disse que achava que não, e sugeri que esse poderia ser um conteúdo para o estudo das brincadeiras. Podíamos falar para os alunos pesquisarem como os índios de diferentes etnias brincam, e mais, como eles são. Na verdade, nós pensamos que uma coisa não é muito diferente da outra porque as crianças índias ficam junto com os adultos, participam brincando dos trabalhos, das pescas, das festas... Assim, conhecer as brincadeiras de crianças de diferentes povos indígenas seria, na verdade, conhecer esses povos.

Então, eu fiquei animado. Agora eu tinha achado alguma coisa legal para estudar com o tema “brincadeiras”, e nos dias seguintes, passei a planejar as aulas e estudar sobre os diferentes povos indígenas do Brasil. Eu não fiz planos aula por aula, tracei linhas gerais, não pensei em quanto tempo iria gastar com cada atividade, nem exatamente qual seria a atividade, mas pensei naquilo que queria fazer junto com os alunos e o que achava importante.

Foi esse material, essas ‘linhas gerais’, que serviram de base para as coisas que trouxe para esse livro. Aqui eu listei as coisas que fizemos, algumas a partir de meus planos, outras coisas que foram planejadas e decididas junto com alunos, e outras que foram sugeridas pelo meu colega.

Como foi o meu trabalho e o dos meus alunos a partir do tema “brincadeiras”



Eu levei para eles a letra da música “Pindorama”, nós cantamos – porque eles já conheciam a música. Então falei sobre a minha conversa com o outro professor, e que seria legal estudar sobre como brincam as crianças de outros povos indígenas. Eles concordaram com essa ideia.

Eu contei que no país existem mais de duzentos povos, e que não daria para estudarmos todos. E que mais adiante, eles teriam de decidir quais povos queriam estudar.

Pegamos alguns mapas que eu tinha trazido, para ver quais os povos que tinha em cada Estado do Brasil. Nesses mapas, que eu consegui, estava escrito os nomes dos povos que moravam naquele lugar. Fomos olhando por partes e fazendo uma lista daqueles que estavam marcados nos mapas. Cada grupo ficou com um mapa, o que eu coloquei aqui como exemplo tem as aldeias do Xingu, no Mato Grosso. Essa parte do trabalho demorou um pouco, mas os alunos aprenderam bem a trabalhar com mapas porque eu aproveitava para mostrar também as divisões do Brasil em Estados, os rios de cada lugar e outras coisas.

Quando todos os grupos já tinham listado os povos indígenas que moravam naqueles lugares, nós juntamos tudo numa única lista, ela tinha 227 povos e foi a partir dali que cada grupo escolheu aquele que estudaria. Mas antes disso, vimos o número de povos indígenas que tem em cada Estado e depois fizemos um gráfico com esses números. Dessa vez, era um gráfico grande e eu usei cartolina. Depois de muita conversa, os alunos escolheram os povos para estudar. Foram: os Xavante (MT), os Arara (PA), os Waimiri-Atroari (RR/AM) e os Kadiweu (MS).

O passo seguinte foi escolher ‘o quê’ estudar, pois não íamos querer saber apenas das brincadeiras. Eles foram sugerindo várias coisas que podiam estudar sobre aqueles povos. No final ficou: brincadeiras, festas, pinturas e artesanatos.

Com a minha ajuda os alunos pesquisaram em livros e enciclopédias que encontramos e depois eles montaram uns textos sobre aqueles povos que estudamos. Os textos eram em português e eu coloquei aqui um dos que eles fizeram:

Os Xavante do Mato Grosso

Os Xavante são um povo forte e guerreiro, dividido em oito gerações: Etepá, Tirówa, Nozo'u, Abare'u, Sadaró, Añanarówa, Hötörã e Ai'rere, vivem distribuídos em cerca de 140 aldeias, localizadas em seis reservas ou "terras indígenas" (Areões, Marechal Rondon, Parabubure, Pimentel Barbosa, Sangradouro e São Marcos) no Estado de Mato Grosso, Brasil Central. A característica mais marcante da sociedade Xavante pode ser a sua feição dualista: a divisão da aldeia inteira em dois clãs – áwawê e po'reza'õno. Eles constituem uma das mais numerosas populações indígenas no Brasil, totalizando aproximadamente 10.000 pessoas.

As brincadeiras das crianças xavantes são as mais variadas, tais como corridas, tomar banho no rio, subir em árvores etc. O corte de cabelo, os adornos e pinturas são elementos que ajudam os Xavantes a não perder a sua identidade, transmitida através dos cantos pelos ancestrais e partilhados com todo o povo da aldeia. A sua cultura e tradição não é escrita. É passada de geração em geração, através da fala.

Entre suas práticas esportivas estão a "corrida de tora de buriti", denominada de uiwede, uma corrida de revezamento em que duas equipes de gerações diferentes correm cerca de 8 km, passando um tora de palmeira de buriti de cerca de 80 kg de um ombro para o outro até chegarem ao pátio da aldeia.

Desde pequenos, os meninos formam grupos da mesma idade. Quando chega o tempo certo, os velhos decidem a entrada no Hö (casa tradicional, para a reclusão dos wapté durante o período de iniciação para a fase adulta), onde os meninos vão viver reclusos, por cinco anos, até o momento de casar com uma moça escolhida para ele. Antes dos meninos entrarem para o Hö, acontece a cerimônia do Oi'ó, em que os meninos demonstram sua coragem, seus medos, sua fraquezas através da luta entre eles.

Permite-se o casamento somente entre membros de clãs opostos.

As mulheres tecem um tipo de cesta incrivelmente forte, a qual elas usam para carregar os nenês recém-nascidos. A ampla alça da cesta passa pela testa da mulher, enquanto a cesta fica deitada nas costas dela, deixando livre assim, as mãos para outros trabalhos.

Uma aldeia tradicional é construída com as casas dispostas em forma de ferradura de cavalo, dando-se o seu lado aberto para o rio. O domínio da mulher é a casa, cuja abertura sempre dá para o centro da aldeia. O domínio do homem é o lugar de reuniões no centro da aldeia, onde são tomadas todas as decisões importantes no conselho diário dos homens.

Quando acabaram, os alunos fizeram cartazes na nossa língua e houve uma apresentação dos grupos para os colegas da sala de aula. Depois o meu colega pediu esses cartazes e também levou para falar sobre esses povos indígenas na sala de aula dele para as crianças menores.

Eu gostei muito desse trabalho, e meus alunos também, mas aconteceu de em algumas aulas faltar muitos alunos de um grupo, ou mesmo de faltar material de pesquisa o que atrapalhava um pouco. Mas nós fomos dando um jeito e acho que a experiência foi boa porque ficamos sabendo mais sobre os povos indígenas e estudamos também mapas e construção de gráficos.

Meio ambiente

Porque escolhi esse tema

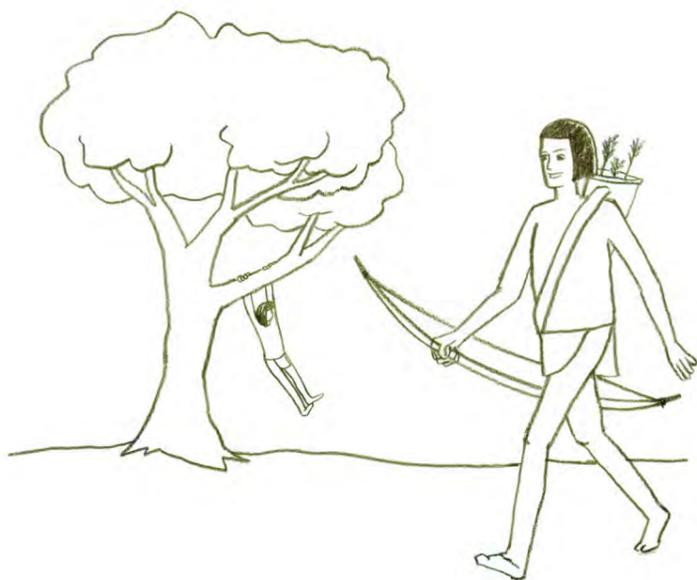
Meu povo sempre viveu em contato com a natureza, dependendo dela para viver. Por isso, os mais antigos já se preocupavam com a floresta, com os animais e as plantas. Só matavam os animais e derrubavam a mata quando precisavam; coisa que somente há pouco tempo os não-indígenas começaram a se preocupar. Talvez a preocupação do meu povo com o ambiente (ou a natureza)

tenha nascido ao ouvir a história do Curupira. Os antigos contavam que o Curupira era um rapaz de cabelos vermelhos e pés virados para trás – o que ajudava a enganar os caçadores. Ele protegia os animais, as árvores e também ensinava aos índios segredos de caçadas. Mas o Curupira também castigava aqueles que não cuidavam da mata. Assim, as histórias do Curupira lembravam aos meus antepassados o cuidado que deveriam ter com o meio ambiente. Esse cuidado também deve ser ensinado às crianças ainda hoje. Foi pensando nisso que resolvi trabalhar com meus alunos o tema Meio Ambiente. Mas no curso que fiz, os

professores falaram que é importante tratar de um tema que não só o professor goste ou queira, eles disseram que os alunos precisam estar muito interessados, eles que devem apresentar o tema. Então, eu comecei a me preparar para fazer meus alunos se interessarem pelas coisas do meio ambiente, fazer com que eles se interessassem.

Como eu comecei a me preparar

A primeira coisa que fiz foi procurar algum livro que falasse sobre o Curupira. Foi assim que fiquei sabendo que as histórias do Curupira são das mais antigas do Brasil, os índios Tupi-Guarani as contavam aos portugueses que aqui



chegaram e assim elas ficaram conhecidas pelo Padre Anchieta.

O padre escreveu uma carta em São Vicente SP, em 30 de maio de 1560, onde ele contava que os índios, ao sair para caçar, costumavam deixar em certo caminho, em cima da montanha mais alta, penas de aves, abanadores, flechas e outras coisas, como presentes, para que o Curupira não lhes fizesse mal. O Curupira, às vezes, batia, machucava e chegava até mesmo a matar aqueles que derrubavam árvores ou matavam animais sem necessidade.

Eu fiquei sabendo ainda que outros povos indígenas também possuem histórias sobre protetores das matas, em algumas regiões, é o Pai do Mato, noutras é o Caipora.

Procurei meu avô e perguntei se ele conhecia alguma história do Curupira. Meu avô me contou então a história que sabia. Eu pedi que ele que na próxima semana fosse à escola contar a história para as crianças e ele concordou.

Eu tinha guardado umas revistas e, nos dois dias seguintes, procurei nelas figuras sobre o meio ambiente. Tentei encontrar umas na qual as matas, os rios e animais estivessem bonitos, e outras com árvores cortadas, rios poluídos e animais mortos.

Pensei em alguns conteúdos que poderiam ser trabalhados, fiz uma lista e planejei algumas atividades de Ciências, Línguas e Matemática. Para isso tive de ler, pesquisar. Essa parte foi importante para eu saber mais, por exemplo, sobre os aterros sanitários e a tabela de decomposição de materiais.

O que aconteceu nas aulas

No primeiro dia

Avisei para as crianças que íamos ter uma aula diferente, e que meu avô vinha contar uma história. Eu disse que nós íamos enfeitar a sala de aula para receber a visita, então colocamos pelas paredes as figuras que eu tinha levado e ficamos fazendo e corrigindo algumas atividades até o meu avô chegar.

Quando meu avô chegou, ele contou a seguinte história:

Havia um índio que gostava muito de matar animais. Mesmo quando tinha muita comida na aldeia, ele matava bichos só para treinar a pontaria. Um dia o Curupira estava andando pela floresta e encontrou o caçador, que estava dormindo. Aquele estava com muita fome e resolveu comer o coração do homem malvado. O Curupira acordou o caçador e ele levou um susto, mas fingiu que não estava com medo. O Curupira disse-lhe:

- Quero um pedaço de seu coração!

O Caçador, que era muito esperto, entregou ao Curupira um pedaço do coração de um macaco que ele havia flechado. O Curupira provou, gostou e quis comer tudo.

- Quero mais! Quero o resto! - pediu ele.

O Caçador entregou-lhe o que havia sobrado, mas, em troca, exigiu um pedaço do coração do Curupira.

- Fiz sua vontade, não fiz? Agora você deve dar-me um pedaço de seu coração, disse ele.

O Curupira não era muito esperto e acreditou que o Caçador havia arrancado o próprio coração, sem ter sofrido nenhuma dor e sem haver morrido.

- Está certo, respondeu o Curupira, empreste-me sua faca.

O Caçador entregou-lhe a faca e o Curupira enterrou a faca no próprio peito e caiu sem vida. O Caçador não esperou mais, disparou pela floresta com tal velocidade que deixaria para trás os bichos mais velozes... Quando chegou à aldeia, estava com a língua de fora e prometeu a si mesmo não voltar nunca mais à floresta, nem matar bichos sem necessidade. Pensou: "Desta escapei. Noutra é que não caio"

Durante um ano, o índio não quis saber de entrar na mata. Quando lhe perguntavam por que não saía mais da aldeia, ele se desculpava, dizendo estar doente. O Caçador tinha uma filha que era muito vaidosa. Como haveria uma festa dentro de poucos dias, ela pediu ao pai um colar diferente de todos os que ela já tinha visto. O índio começou a pensar num modo de satisfazer o desejo da filha. Lembrou-se, então, dos dentes verdes do Curupira, eles dariam um bonito colar. Partiu para a floresta e procurou o lugar onde o Curupira havia morrido. Depois de algumas voltas, deu com o esqueleto meio encoberto pelo mato. Os dentes verdes brilhavam ao sol.

Conseguindo vencer o medo, ele apanhou o crânio do Curupira e começou a bater com ele no tronco de uma árvore, para que se despedaçasse e soltasse os dentes. Imaginem a sua surpresa quando, de repente, viu o Curupira voltar à vida! Ali estava ele, exatamente como antes, parecendo que nada havia acontecido! Por sorte, o Curupira acreditou que o Caçador o ressuscitara de propósito e ficou todo contente:

- Muito obrigado! Você devolveu-me a vida e não sei como agradecer-lhe!

O índio percebeu que estava salvo e respondeu que o Curupira não tinha nada que agradecer, mas ele insistia em demonstrar sua gratidão. Pensou um pouco e disse:

- Tome este arco e esta flecha. São mágicos. Basta que você olhe para a ave ou animal que deseja caçar e atire. A flecha não errará o alvo. Nunca mais lhe faltará caça. Mas, agora, ouça bem: mate apenas um animal de cada vez, nunca aponte para uma ave ou animal que esteja em bando, pois você será atacado e despedaçado pelos companheiros dele. Entendeu?

O índio disse que sim e desde aquele momento não mais lhe faltou caça. Era só atirar a flecha e puf! O bicho caía. Tornou-se o maior caçador de sua tribo. Por onde passava, era olhado com respeito e admiração. Um dia, ele estava caçando com outros companheiros que não tinham mais palavras para elogiá-lo. O índio sentiu-se tão importante que, ao ver um bando de pássaros que se aproximava, esqueceu-se da recomendação do Curupira e resolveu matar todos que pudesse, então ele atirou... Matou somente um pássaro e, como o Curupira avisara, foi atacado pelo bando. De seus amigos, não ficou um: dispararam pela floresta, deixando-o sozinho. O pobre índio foi esfaqueado pelos pássaros. A cabeça estava num lugar, um braço no outro, uma perna aqui, outra longe... O Curupira ficou com pena dele. Arranjou cera e acendeu um fogo para derretê-la. Depois recolheu os pedaços do Caçador e colou-os com a cera. O índio voltou à vida e levantou-se:

- Muito obrigado! Não sei como agradecer-lhe!

- Não tem o que agradecer, respondeu o Curupira, mas preste atenção. Esta foi a primeira e última vez que pude salvá-lo! Não beba, nem coma nada que esteja quente! Se o fizer, a cera se derreterá e você também!

Durante muito tempo, o índio levou uma vida normal. Ninguém sabia do acontecido. Um dia, porém, sua mulher lhe serviu uma comida quente e apetitosa, tão apetitosa que o índio nem se lembrou que a cera poderia derreter-se. Engoliu a comida e pronto! Não só a cera se derreteu, mas também o próprio índio.

As crianças ouviram com atenção. Agradecemos meu avô e quando ele foi embora, eu pedi aos alunos que fizessem um desenho sobre a história. Quando terminaram, nós sentamos no chão, e cada um mostrou o seu desenho, eu os recolhi para depois fazer um painel para enfeitar as paredes da sala de aula.

Coloquei um deles a seguir.

Depois conversei com as crianças sobre a história do Curupira fazendo algumas perguntas, a primeira foi: "Por que vocês acham que o Curupira castigava quem derrubava árvores e matava animais sem precisar?"

Algmas das respostas que eles deram:

"Era porque ele gostava muito das árvores e dos bichos, professora!"

"Eu acho que era porque ele não gostava de ver a floresta feia."

"É porque ele tinha medo de os caçadores acabarem com os animais."

"É porque ele morava na mata e precisava das árvores para se esconder."

Quando aqueles que queriam já tinham falado, eu juntei as respostas. Eu disse que o Curupira queria mesmo proteger as matas e os animais não só porque ele gostava deles, mas também porque ele se preocupava com o quê poderia acontecer se os caçadores da tribo ficassem destruindo o meio ambiente. Então eu expliquei para os alunos o que é o meio ambiente.

Depois falei para os alunos olharem as figuras que estavam na parede. Eu tinha colocado a foto de um rio sujo, com lixo boiando, ao lado de um limpo. Do outro lado, tinha figuras de mata fechada e florida ao lado de outras com árvores derrubadas. No fundo, tinha bonitas fotos de macaco, onça e tucano ao lado de outras com um elefante morto e um rio cheio e peixes mortos. Quando eles tinham olhado as figuras eu perguntei: "Hoje também é preciso proteger as árvores e os animais?"



Os alunos responderam que sim, que até precisava mais do que antigamente porque hoje tinha mais gente andando pela mata e matando animais, com armas mais modernas.

Em seguida, fiz outra pergunta apontando para as figuras dos rios: "Os rios, eles também precisam ser protegidos?" Algumas das respostas foram:

"Precisam sim. Professora, eu fui a São Paulo com o meu pai e vi lá o Rio Tietê. Ele não tem peixe, fede e tem lixo."

"É, professora, olha a foto, aquele rio ali está cheio de peixes mortos."

Parei nossa conversa por aquele dia e como tarefa de casa deixei três exercícios. O primeiro era de matemática, outro de resgate da cultura e o terceiro sobre meio ambiente:

Resolva o problema:

O Curupira ensinou ao índio que ele deveria caçar apenas um animal. Ele chamou seus três filhos para caçarem com ele, então cada um poderia flechar um pato. Veja quantos patos estão nadando no lago, e depois faça a conta para sabermos quantos ficaram depois que cada um deles, dos índios, flechou o seu.

Pergunte aos pais ou avós se eles conhecem alguma outra história do Curupira. Se eles conhecerem, peça para contar e depois desenhe uma 'história em quadrinhos' a partir do que sua família falou.

Pergunte aos adultos de sua casa o que podemos fazer para proteger as árvores, os animais e os rios e depois faça uma lista no caderno. Numa linha, escreva na nossa língua, e embaixo, coloque em português.

No segundo dia

A aula foi boa. Primeiro corrigimos a conta, depois perguntei se alguém tinha conseguido uma história do Curupira diferente daquela que meu avô havia contado. Uma menina trouxe uma história, era sobre um homem que tinha dado um tiro de espingarda num porco-do-mato e o Curupira apareceu na cidade para lhe dar uma lição. Eu mostrei os desenhos dela para as outras crianças e falei para eles que essa história não era tão antiga quanto a outra, pois agora o caçador não usava flechas, mas sim espingarda. Depois nós começamos a ler as listas que eles fizeram e precisei corrigir algumas palavras, mas tinha algumas sugestões mais ou menos assim:

- Não queimar árvores.
- Não derrubar ninho de passarinho.
- Não jogar lixo na mata e nem no rio.
- Não quebrar as árvores pequenas.
- Não matar animal que está cuidando de filhote.
- Ter cuidado na hora que for acender fogo na mata.
- Não ficar fazendo pontaria nos bichos e nem desenhos com facas nas árvores.

Eu falei para eles que nós iríamos estudar um pouco mais sobre o problema do lixo. Primeiro, eu disse, nós precisamos saber direito o que é lixo. E nós discutimos um pouco o assunto, eu expliquei a eles o que é 'decomposição'. Nessa hora eu até dei uma lembrada na história do Curupira, falando da decomposição do corpo, quando ele já tinha estragado tudo, os animais e a terra tinham comido a carne e só tinha os ossos e os dentes que o caçador foi buscar. Um menino lembrou do corpo de um cachorro que tinha morrido na outra semana e falou da decomposição. Outro lembrou de uma pilha de latas que ele tinha visto, não tinha desmanchado nada, só tinha ficado coberto de sujeira e mato, e com água dentro. Uma menina falou de um saco plástico que tinha enganchado num galho de árvore caído no rio e que estava bem rasgado, cada dia se despedaçando mais. Eu disse para eles que tinham entendido bem o que

era lixo e decomposição. Depois eu falei sobre o reaproveitamento, isto é, a reciclagem. De novo deu para usar a história do Curupira, pois era isso que o Caçador pretendia fazer com os dentes verdes enfeitando o colar para a filha. Pedi que eles dessem alguns outros exemplos de reciclagem. Algumas das coisas faladas foram:

- Um vaso sanitário quebrado que a mãe tinha usado para plantar flor.
 - Uma árvore caída durante uma chuva de vento e que tinha sido cortada para lenha.
 - Um vidro que tinha vindo com azeitonas e que agora servia para guardar sal.
- Eu dei alguns outros exemplos, falando até do reaproveitamento de comida, por exemplo, quando usamos algumas coisas que sobraram do almoço para fazer uma sopa no jantar. Falei também sobre uns usos de garrafa pet que eu tinha visto, e dei mais exemplos.

No resto do dia, nós continuamos a fazer outras atividades, de outros assuntos, que já estavam planejadas.

No final da aula, eu passei a seguinte tarefa:

1. Veja a tabela abaixo e depois responda as questões:

MATERIAL	TEMPO DE DECOMPOSIÇÃO
PAPEL	De 3 a 6 meses
PANO	De 6 meses a 1 ano
CHICLETE	5 anos
FILTRO DE CIGARRO	5 anos
MADEIRA PINTADA	13 anos
NYLON	Mais de 30 anos
LATA DE ALUMÍNIO	De 80 a 100 anos
METAL	Mais de 100 anos
PLÁSTICO	Mais de 100 anos
VIDRO	1 milhão de anos
BORRACHA	Indeterminado

- Qual é o material que demora mais para se decompor?
- Qual é o que demora menos?
- Quantos anos o plástico demora mais para decompor do que o papel?

2. Faça uma entrevista com a sua mãe e responda:

- O que costuma ser jogado no lixo da sua casa?
- O que ela faz com as cascas e os restos de alimentos?
- O que acontece com as latas, vidros, plásticos e papéis?

No final da aula, pedi que eles olhassem pela sala e vissem se tinha lixo espalhado. Eles acharam papel de balinha jogado no chão, uma folha de papel rasgada, chiclete embaixo de uma carteira, pedaços de lápis que haviam sido apontados, e até resto de comida do lanche. Cataram tudo e jogaram na lixeira. Nunca terminamos a aula com a sala tão limpa!

No terceiro dia

Primeiro corrigimos a tarefa de matemática. Depois nós usamos as entrevistas para ver que tipo de lixo é mais produzido na aldeia, e os modos usados para acabar com ele. Vimos que algumas coisas que são jogadas no lixo poderiam ser recicladas, e que na maioria das vezes o lixo é queimado ou jogado no mato. Expliquei em seguida sobre os sistemas de coleta de lixo que existem nas cidades e sobre os 'lixões'. Falei que em cada casa poderia ser feita alguma coisa parecida, que os adultos poderiam fazer um buraco para enterrar o lixo orgânico produzido pela família. Em seguida, falei também sobre urubus e insetos que vivem no lixo e sobre eles transmitirem doenças. O menino falou de novo do cachorro morto e das moscas que havia em volta, e que depois elas iam para as casas e ficavam em cima de alimentos descobertos.

Eu já tinha feito antes um pequeno texto que falava de tudo isso, era em português e então passei para os alunos. Dividi a turma em grupos e dei a eles, a cada grupo, a tarefa de traduzir um parágrafo para a língua materna. O texto era o seguinte:

O lixo, quando é jogado fora sem os devidos cuidados, pode nos trazer muitos problemas, desde a poluição de rios e das matas até doenças para as pessoas. Por essa razão, tanto nas cidades, quanto nas fazendas e nas aldeias, as pessoas usam diferentes modos de se livrarem de coisas que não usarão.

Em muitas cidades existe coleta de lixo, e um caminhão passa pelas ruas recolhendo sacolas de lixo que os moradores colocam na frente das casas. Depois tudo isso é levado para um lugar chamado 'lixão' ou 'aterro sanitário'. Lá, para evitar urubus, baratas, ratos e insetos, as coisas são amassadas por um trator e depois tudo é enterrado.

Nas fazendas e aldeias não costuma ter um sistema de coleta de lixo, por isso é importante que cada família dê fim ao lixo que produz. Algumas coisas podem ser queimadas, outras enterradas num buraco. Mas, por exemplo, folhas de árvores não precisam disso, elas decompõem com facilidade e ajudam a adubar a terra."

Ao final, juntamos as traduções, e cada grupo ficou com o texto inteiro escrito tanto na língua materna quanto em português.

Nesse dia não deu para fazer mais nada porque eles tinham aula de Educação Física. Só deu para falar que em alguns locais eles separam o tipo de lixo que vai ser reciclado. Por isso, às vezes, encontramos três lixeiras, uma ao lado da outra, uma para plástico, outra para vidro e outra para papéis. Para identificar a lixeira para cada coisa são utilizadas cores: azul, vermelho e amarelo.

Para tarefa de casa, eu desenhei três caixas, pedi que as colorissem usando as cores acima e que embaixo de cada caixa desenhasssem ou colassem figuras com o tipo de lixo que poderia ser colocado lá dentro. No final da aula, eles limparam novamente a sala de aula.

No quarto dia

Os alunos não tiveram dificuldades com a tarefa, que foi corrigida rapidamente. Em seguida, eu contei para eles que o material a ser reciclado muitas vezes é vendido para as fábricas que farão o reaproveitamento. Assim, muitas pessoas se tornam catadoras de material reciclável e depois os vendem. Isso serviu para que eles pudessem estudar sobre o sistema monetário.

Como a escola tem tv e vídeo, na segunda parte da aula, eles assistiram a um filme que falava sobre o lixo. Quando o filme acabou, tivemos uma conversa sobre ele.

De tarefa, pedi que eles pesquisassem como eram as notas de 1, 2, 5 e 10 Reais e as desenhassem (mais adiante estudaríamos sobre as moedas). Pedi também que na próxima aula trouxessem de casa caixas de papel - podiam ser de qualquer tamanho, serviam caixas de sapatos, remédios, alimentos, e outras.

Os alunos verificaram se não tinha lixo pela sala e saíram.

Para mim ficou a tarefa de fazer em casa 'dinheirinho de brincadeira', pois eles seriam necessários para uma feirinha que eu havia planejado para a próxima aula.

No quinto dia

Primeiro fizemos a aula de Artes e as crianças criaram brinquedos e objetos usando as caixas que haviam trazido (eu também trouxe algumas), cola e lápis de cor. Fizeram carros, robôs, móveis e outros objetos. Algumas crianças fizeram mais de um objeto, outras demoraram mais e fizeram um só.

Quando os objetos estavam prontos, nós colocamos, em cada, um papel com o seu valor em Reais (que só poderia ser 1, 2, 5 ou 10 Reais - porque eles ainda não tinham estudado sobre o troco) e arrumamos tudo sobre as mesas de um lado da sala. Em seguida dei a cada criança o 'dinheiro de brincadeira'. Cada uma delas ganhou duas notas de 1, 2, 5 e 10 Reais.

Fizemos então uma feirinha. Elas comparavam os brinquedos e eu recebia o 'dinheiro' conferindo se cada uma tinha entendido o uso do sistema monetário e estava pagando certo. Cada criança ficou com pelo menos um brinquedo feito de caixas e o levou para casa para brincar.

Esse projeto durou uma semana, mas durante o resto do ano, eu não deixei que os alunos esquecessem a importância de eles também se responsabilizarem pela limpeza da sala de aula e da escola.

Um estudo sobre cobras e outras coisas...

Essas aulas começaram a partir de um problema que aconteceu na aldeia: aparecimento de cobras. Eu queria ensinar a meus alunos um tipo de conhecimento que poderia ser útil no dia-a-dia de todos da tribo. Assim, eu consegui arranjar companheiros, pois todos os outros professores da escola também resolveram ensinar sobre cobras aos seus alunos.



Como começou

Tinha, novamente, acontecido um acidente com cobra venenosa na minha aldeia – foi com uma cascavel e a pessoa quase tinha morrido. Estávamos todos preocupados e foi numa conversa que tive com o cacique que pensei em usar as aulas para ensinar às crianças sobre as cobras. Eu já sabia alguma coisa sobre elas, então já tinha uma ideia de como fazer em sala de aula, assim, fiz um primeiro planejamento colocando o que seria importante ensinar. Na minha lista coloquei:

- maneiras de reconhecer quais são as espécies de cobras venenosas e as não-venenosas;
- primeiros socorros e tratamento;
- locais da aldeia onde as cobras mais aparecem;
- maneiras de evitar ataques por cobras.



Então, comentei com os colegas que eu ia começar esse trabalho com meus alunos e mostrei a lista que tinha feito. Fiquei feliz, porque eles resolveram fazer daquela ideia uma campanha na escola inteira, quem sabe nossa ação poderia diminuir os problemas com cobras que a tribo vinha tendo.

Acontece que meus colegas também tinham algumas ideias e assim a minha lista inicial acabou crescendo, pois colocamos mais dois itens:

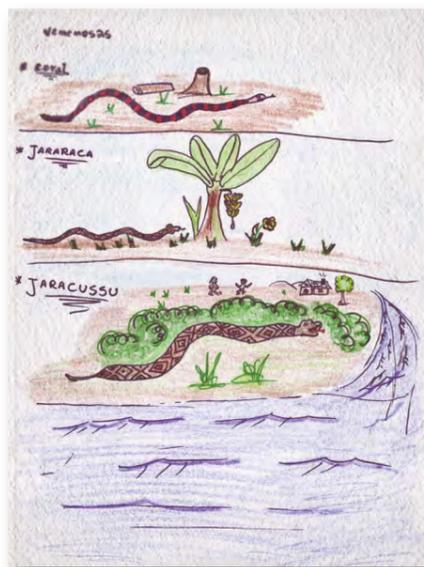
- fazer cartazes, maquetes, modelos de argila e montar uma exposição na escola;
- escrever, junto com os alunos, um 'livrinho' informativo.

Aí começou uma nova discussão: Como dividiríamos o trabalho? O que poderíamos fazer em cada sala, com os diferentes ciclos? Então resolvemos que todos os ciclos fariam tudo; mas cada um do seu jeito, de acordo com as possibilidades das crianças. Resolvemos também que o estudo sobre as cobras não deveria acontecer separado, só na matéria de Ciências, achamos que era possível aproveitar o assunto para ensinar outras matérias também. E das nossas conversas, surgiu um planejamento mais detalhado para todas as crianças da escola. Vou contar como fizemos esse trabalho.

Como agimos

Na reunião, todos os professores deram ideias e nós não nos preocupamos em colocá-las no papel. Mas até agora eu me lembro delas, como foram seguidas passo a passo:

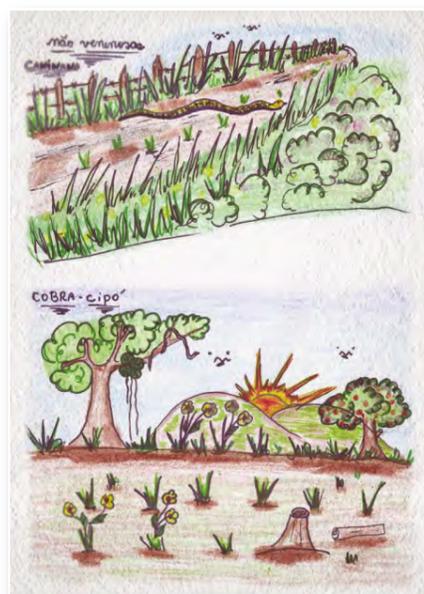
Falamos com as crianças sobre nossa decisão e conseguimos que elas compreendessem a importância do estudo. Para falar com as crianças pequenas, começamos contando uma antiga história de cobra, dos mitos do nosso povo. Na conversa com as crianças maiores, lembramos de alguns acidentes que aconteceram com membros da tribo nos últimos anos. Resolvemos que nessa conversa, além de falar dos ataques de cobra, tentaríamos lembrar que acontecimentos ocorreram na mesma época. Os alunos que lembraram de alguma coisa também puderam nos ajudar, valia todo tipo de acontecimento, desde nossas festas até eleições, morte ou nascimento de membros da tribo etc. A partir daí, já demos tarefas para os alunos.



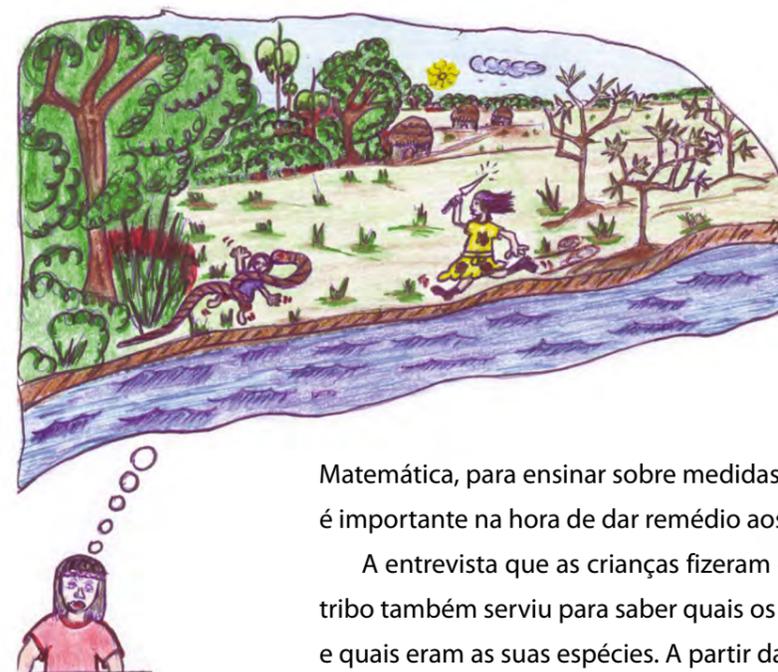
As crianças pequenas fizeram desenhos a partir da história contada.

As crianças maiores fizeram uma linha do tempo localizando nela tanto os ataques de cobra na tribo nos últimos anos quanto outros acontecimentos.

A parte do reconhecimento das espécies venenosas e não-venenosas ficou mais como sendo das matérias de Ciências junto com Educação Artística. Primeiro, levamos para os alunos verem fotos e figuras, e também lemos descrições nos livros. Depois as crianças menores modelaram cobras em argila, e fizeram desenhos escrevendo embaixo deles o nome dado pelo nosso povo àquele tipo de cobra. As crianças maiores foram divididas em grupos e cada grupo fez um pequeno texto colocando as características de uma das espécies de cobras (aquelas que quiseram também ou desenharam aquela espécie de cobra). As crianças, em grupo, escolheram sobre qual cobra fariam os textos, e marcaram numa lista os nomes de cobras que os professores fizeram – desse modo teríamos material sobre o maior número possível de espécies de cobras. Esses textos que falavam das características de cada espécie de cobra foi escrito primeiro em português – porque os livros que falavam sobre elas estavam nessa língua. Depois dos textos já prontos, as crianças traduziram para a língua materna.



Quanto aos modos de tratamento, fizemos duas coisas. A primeira foi convidar uma enfermeira para conversar com as crianças. Após essa palestra, as crianças pequenas fizeram desenhos que depois seriam usados para ilustrar os textos que as crianças maiores fizeram, mas estas também desenharam. A segunda coisa que fizemos foi organizar com as crianças maiores uma pesquisa junto aos membros da tribo. Junto com elas, nós montamos perguntas para conhecer melhor os modos como o nosso povo, principalmente os mais antigos, tratam aqueles que foram atacados por cobras. Depois as crianças entrevistaram algumas pessoas da aldeia e escreveram um texto com as informações que conseguiram. Nessa fase do trabalho, foi importante também a aula de



Matemática, para ensinar sobre medidas de capacidade e de peso, porque isso é importante na hora de dar remédio aos doentes.

A entrevista que as crianças fizeram com os membros mais experientes da tribo também serviu para saber quais os locais que as cobras apareceram mais, e quais eram as suas espécies. A partir daí, os alunos fizeram maquetes – como conteúdo tanto de Geografia (pois é importante que coloquem direito as características geográficas da região), quanto de Educação Artística (para ficar bem modelado, bonito e colorido) e Matemática (para que uma maquete fique com as proporções adequadas quanto ao tamanho e às distâncias).

Quanto às maneiras de evitar ataques de cobra, nós, professores, juntamos as informações que foram encontradas nos livros, com as informações dadas pela enfermeira durante sua palestra, e também aquelas que os membros da tribo forneceram às crianças. A partir dessas informações, junto com as crianças maiores, nós escrevemos um outro texto – de novo as crianças menores fizeram os desenhos.

No final, teve uma reunião só com os professores, para juntar e organizar todo o material fazendo o livrinho. Nessa hora, juntei também um material que um amigo que trabalha numa escola não-indígena na área urbana me enviou. Depois fui ao escritório da Secretaria de Educação e expliquei sobre o nosso trabalho. Deixei lá o material para eles tirarem cópia. Os livrinhos ainda iam demorar uns dias para ficar prontos.

Quando estava tudo pronto, os professores e os alunos juntaram para montar uma exposição. Colocamos nela os livrinhos, os desenhos, as cobras em argila e também umas figuras que encontramos em revistas. Todos os membros da tribo foram convidados para visitar a nossa exposição e no final as crianças levaram os livrinhos para casa.

Contando mais sobre o trabalho

Quando procuramos uma história para contar para as crianças pequenas, encontramos duas, mas escolhemos essa que coloquei no quadro.

“Há muito tempo atrás, uma noite não acabou, parecia que nunca mais ia ser dia de novo. Era uma noite escura, sem estrelas, sem vento, e sem barulho dos bichos da florestas, um grande silêncio.

Os índios não saíam para caçar nem pescar, as mulheres não pegavam frutas, ficavam só dentro de casa, a comida começava a faltar, a lenha para manter o fogo aceso também começava a faltar.

Naquela escuridão, nem os caçadores mais experientes conseguiam caminhar pela mata. A noite não ia embora. Na escuridão, não se ouvia nada, apenas um único canto ainda resistia: era só o do quero-quero, que de vez em quando cantava. Fora este pássaro, só tinha silêncio naquela noite sem fim.

O tempo foi passando e começou a chover muito, os campos foram sendo inundados, as lagoas transbordaram inundando tudo. Muitos animais foram morrendo. E uma grande cobra que vivia dormindo acordou, com fome, ela passou a comer os olhos dos animais mortos. A água foi baixando, e a cada hora mais olhos a cobra grande comia.

E a cada olho que a cobra comia, ficava com um pouco da luz do último dia que os bichos tinham visto no último dia de sol, antes da noite grande que caiu. E depois de comer tanta luz, a cobra foi ficando transparente.

A grande cobra já era conhecida dos índios da região bem antes disso, e eles tinham medo dela. Mas quando a viram, depois do acontecimento daquela noite, não a conheceram mais e pensando que era outra, chamam-na, desde então, de boitatá.

Quando acabaram os olhos dos bichos mortos na inundaçã, muitas vezes, com fome, a boitatá rondou a aldeia. E os homens, curiosos e com bastante medo, olhavam de longe para aquela grande cobra transparente que clareava os lugares por onde passava. Todos os índios e animais se escondiam dela e a boitatá não conseguia caçar nada porque tudo começava a ficar mais claro quando ela ia se aproximando, e assim todos sabiam que ela estava por perto e ficavam escondidos.

Com o passar do tempo, a grande cobra morreu de fraqueza. E foi então que a luz que estava presa escapou, e o Sol apareceu de novo, foi aparecendo devagar, primeiro clareando, sumindo as estrelas com o clarear, os raios foram aparecendo, enfim a bola de fogo surgiu no céu. Era o Sol que voltava a fazer o dia, e nunca mais aconteceu novamente a grande noite.”

Depois as crianças desenharam.

Contamos a seguinte história para as crianças maiores:

Lembramos que foi pouco depois que o meu filho mais velho nasceu, mais ou menos há dois meses, que apareceu uma cobra e picou um menino. Ele estava dentro da casa dele, que era a primeira casa da aldeia e ficava perto do mato. O pai e o tio do menino encontraram a cobra, mataram e levaram para o enfermeiro ver – era jararaca - e ele deu o remédio certo. O menino sarou. Agora meu filho tem seis anos, ele nasceu em março de 2002. Como não lembramos direito o dia do ataque da cobra, colocamos só que foi em 05/2002. Meu sogro também matou uma cobra venenosa naquele ano, mas ela não tinha machucado ninguém e por isso não entrou na nossa linha do tempo.

Não lembramos de ataque de cobra em 2003.

A mulher que limpa a escola se lembrou de um caso em 2004, para ela foi fácil lembrar porque foi com o filho dela. Ele estava brincando na água perto da aldeia quando veio uma cobra grande e começou a se enrolar nele. O menino gritou, forte e alto, e os adultos correram. Tinha umas mulheres por perto colhendo mandioca. Uma delas tinha uma faca boa e então ela brigou com a cobra. Umas ficaram puxando o bicho e duas foram buscar os homens. Quando eles chegaram as mulheres já tinham soltado o menino, mas a cobra tinha fugido. Ela disse que isso foi em janeiro. Eu não sei direito, mas achei que foi também naquele ano que meu pai tinha matado uma cobra ‘sem querer’. Ela era bem pequena, acho que era só um filhote. Ele contou que estava também perto do rio, tinha ido pescar, mas já estava indo embora. Pisou numa pedra lisa e escorregou; mas não foi com o lodo da pedra, foi com uma cobrinha que estava em cima dela e ele não tinha visto. Mas esse caso também não era importante porque não entrava na nossa lista. Entrou um outro caso, o de uma mulher que tinha deixado uns sacos com cimento num canto da casa enquanto juntava mais dinheiro para terminar a reforma. Também era uma jararaca. A mulher, que já era velha, disse para a nora que não precisava ir ao médico. A velha deitou e mandou a nora dela cortar um pouco da pele em volta da picada e depois colocar café. A moça obedeceu, porque a sogra dela estava nervosa e brava (ela disse que parecia uma cobra), mas depois foi buscar o médico. Ele chegou e ficou muito bravo com aquilo de colocar pó de café, disse que tinha piorado tudo, que era importante saber a coisa certa a fazer quando alguém fosse picado de cobra. Mas mesmo assim, ele conseguiu salvar a velha. Além desses casos de cobra, lembramos que tinha acontecido eleição municipal, que a sogra de uma professora tinha morrido, que a irmã mais velha de uma aluna tinha casado e que tínhamos feito a Festa do Milho. A mãe lembrava direito do dia e do mês que o filho dela tinha sido atacado, mas dos outros acontecimentos só os meses foram lembrados.

Nós fomos nos lembrando das coisas que tinham acontecido e fomos completando a linha do tempo. O último acontecimento foi a morte de um homem que havia sido picado por uma cobra que estava no mato, entre as folhas. O maior problema foi que quando ele chegou em casa com “cara-de-bobo”, pensaram que ele estava bêbado, ninguém buscou ajuda. Algumas horas depois, ele estava morrendo, e então o médico disse que ele tinha sido picado por uma cascavel. Mas aí já não teve mais jeito...

Como eu disse, na parte do reconhecimento das cobras venenosas e não-venenosas, os diferentes grupos de alunos escolheram sobre qual espécie de cobras iam falar. Desse modo, ficaram prontos textos sobre a jararaca, a cascavel, a jararacuçu, a surucucu, a urutu e a coral (a verdadeira – que é venenosa e a falsa, que não tem veneno). Mas nessa parte foi importante também umas coisas que um amigo meu mandou. Ele fez uma pesquisa na Internet e encontrou no endereço www.saudetotal.com.br (do Prof. Dr. György Miklós Böhm) um quadro que nós colocamos no livrinho para os alunos. Foi esse aí ao lado:

VENENOSAS	NÃO-VENENOSAS
 Cabeça chata, triangular, bem destacada.	 Cabeça estreita, alongada, mal destacada.
 Olhos pequenos, com pupila em fenda vertical e fosseta loreal entre os olhos e as narinas (quadrado preto).	 Olhos grandes, com pupila circular, fosseta lacrimal ausente.
 Escamas do corpo alongadas, pontudas, imbricadas, com carena mediana, dando ao tato uma impressão de aspereza.	 Escamas achatadas, sem carena, dando ao tato uma impressão de liso, escorregadio.
 Cabeça com escamas pequenas semelhantes às do corpo.	 Cabeça com placas em vez de escamas.
 Cauda curta, afinada bruscamente.	 Cauda longa, afinada gradualmente.
 Quando perseguida, toma atitude de ataque, enrodilhando-se.	 Quando perseguida, foge.

E é assim que termina o nosso estudo sobre cobras, lembrando as velhas histórias contadas pelo cacique e Pajé Awá Kiririndjú.



3. De uma atividade dirigida a um conteúdo

Um dos pontos essenciais das atividades dirigidas a um conteúdo está em colocar o aluno frente a uma proposta de trabalho e, a partir da colocação de boas perguntas por parte do professor criar situações de aprendizagem que possam fazer com que o conteúdo que o professor deseja ou precisa ensinar se apresente de modo compreensível para o aluno. Outro ponto importante das atividades está em reconhecer o professor como elemento chave do processo de aprender/ensinar – de modo que ele aprenda a fazer boas perguntas, a escolher propostas (situações-problema, jogos, material de manipulação) que ganhem sentido na realidade dos alunos, a promover modos pautados na alegria de ensinar/aprender–, ao invés de equipar o ambiente de aprendizagem com explicações para transmitir algo pronto, pré-definido e sem vida.

O menino e o gavião gigante em viagem pelo Brasil



Quando eu estudava no Curso para Professores Indígenas, percebi algumas coisas muito importantes. Uma dessas coisas foi: um professor deve saber pesquisar – tanto junto ao seu próprio povo quanto nos livros. Outra coisa que percebi é que um professor precisa ser criativo, pois muitas vezes precisa preparar o próprio material didático. Foi usando essas duas características necessárias aos professores que eu inventei uma história para ensinar meus alunos sobre o território brasileiro.

Nas escolas onde as crianças não são índios, normalmente, quando o professor fala sobre as divisões do território brasileiro, ele cita macrorregiões, Estados, Municípios e o Distrito Federal. Mas para nós, índios, é importante falar também sobre as Terras Indígenas. Eu ensinei tudo isso para os meus alunos a partir de uma história que eu inventei e que vou contar para vocês. Mas, antes disso, contarei as ideias que tive para inventar essa história.

Ideias para inventar a história

Para inventar a história que eu contarei para meus alunos, pensei que seria importante colocar nela o seguinte:

Uma das coisas que pensei logo de início foi que os principais personagens da história seriam índios, como eu e meus alunos.

Para as crianças aprenderem sobre o território brasileiro por meio da história, imaginei que seria bom que o personagem principal fizesse uma viagem, andasse pelo Brasil.

Como o Brasil é muito grande, seria necessário que o personagem usasse um “meio de transporte”.

Uma vez, eu li uma história mexicana na qual uma cobra que tinha asas ia a todos os lugares. Resolvi usar também um animal como “meio de transporte”: seria um grande gavião.

Eu iria falar de um gavião que morava numa tribo do Xingu. Ele viajaria pelo Brasil levando entre suas asas um menino que era curioso para conhecer outras culturas e regiões. Colocar um menino como personagem principal faria com que meus alunos se identificassem com ele.

Outra ideia que tive foi a de que em cada região do país, o gavião desceria em algum lugar e o menino pediria a alguém de lá que lhe falasse sobre a região.

Nas conversas com pessoas de diferentes regiões, o menino ficaria conhecendo também histórias criadas por povos indígenas. Penso que isso é importante, por duas razões: a) uma delas é que para saber sobre as regiões do Brasil, devemos saber um pouco sobre a cultura desses lugares; b) é importante valorizar as diferentes culturas indígenas, as histórias tradicionais de cada povo.

Pensei ainda que as crianças não gostam de histórias que terminam mal para os principais personagens. Por essa razão, no final da história, o menino e o gavião voltariam felizes e mais sábios para casa.

Bem, essas foram as coisas que pensei – a parte em que usei a minha criatividade.

Teve também a parte da pesquisa, na qual estudei sobre os mapas e regiões do Brasil. Tive que estudar também sobre as tradições de tribos de diferentes lugares do Brasil.

A partir daí, montei textos e exercícios. Para dar um exemplo, coloquei aqui como foi que falei da Região Sudeste. Mas achei que seria bom colocar também pelo menos o começo da história, lá na Região Centro Oeste, onde fica o Xingu e onde a história começa.

A história e as atividades que inventei

Começa a grande viagem

Pomekempo era um garoto pequeno, mas muito esperto. Ele era da tribo Ikpeng, que vive no Parque Indígena do Xingu. Lá vivem muitos povos indígenas, disseram-lhe que eram dezessete, com costumes e línguas diferentes. Pomekempo ficava encantado com essa diversidade.

Um dia mostraram ao menino um mapa do Brasil. Disseram-lhe que existiam outros povos indígenas e não-indígenas fora do Xingu. Explicaram-lhe que os costumes desses povos também eram diferentes daqueles que ele já havia observado no Xingu. Pomekempo, a partir de então, desejou muito conhecer esses lugares.

No posto de saúde que ficava perto de sua aldeia havia um grande mapa. O menino ficava olhando curioso. A maire, que era um agente de saúde do povo Kaiabi e trabalhava no local, viu a curiosidade do menino e resolveu explicar a ele algo sobre o mapa.

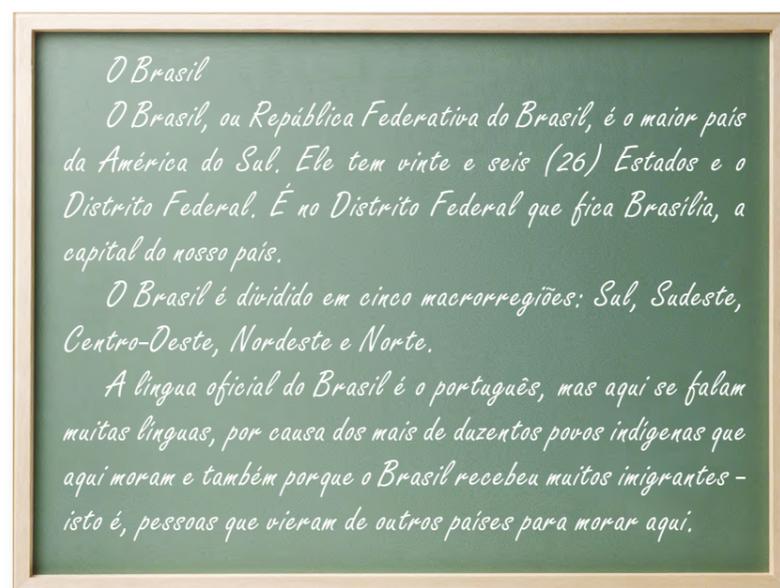
Então eu coloquei na parede da sala de aula um mapa do Brasil com suas divisões políticas, disse para meus alunos que o mapa que o pequeno Pomekempo olhava era igual àquele. Fiz isso para meus alunos começarem a “entrar na história”, e depois retomei a ela.

O amigo de Pomekempo disse-lhe que como o Brasil é muito grande, um órgão do Governo Federal, chamado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) resolveu que ficaria mais fácil estudar o país por partes. Então, os técnicos do IBGE viram que algumas “partes” do Brasil possuem semelhanças entre si, e as agruparam. Surgiram, então, as macrorregiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Eu apontei no mapa, mostrando para meus alunos, cada uma das cinco macrorregiões do País.

Pomekempo pensou que teria de dar um jeito de conhecer as cinco regiões do Brasil. Então ele resolveu procurar um amigo, um grande gavião que morava na floresta. O gavião era sábio e o levaria aos lugares certos, Pomekempo viajaria sobre seu dorso, entre as suas asas. Começaria a grande viagem, na qual o menino ouviria muitas histórias, contadas tanto pelo gavião quanto por pessoas que encontraria em seu caminho.

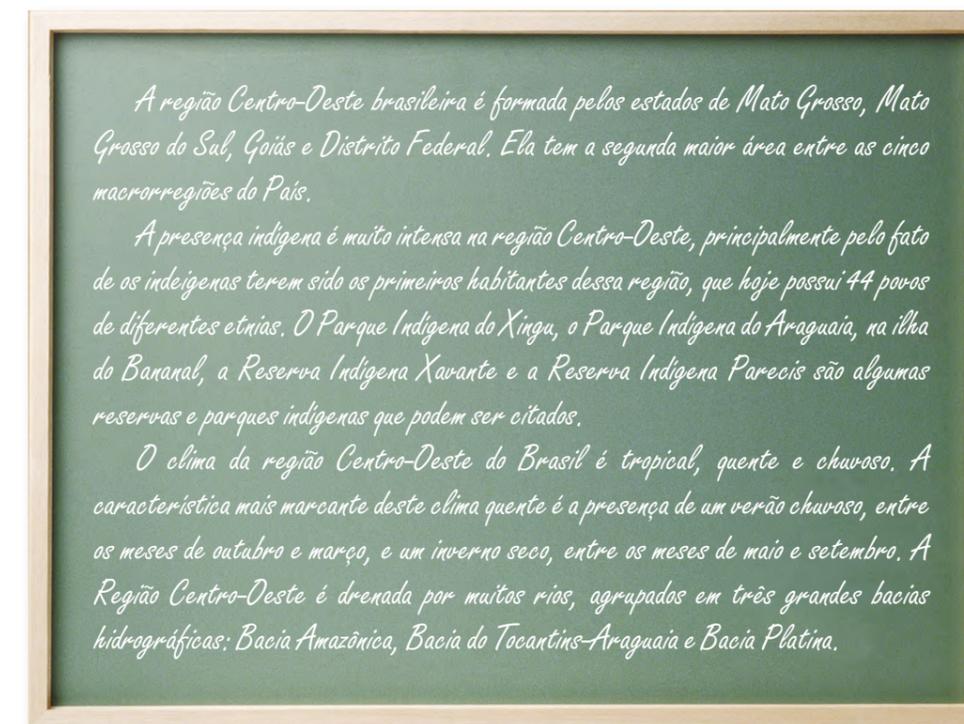
Quando chegou nessa parte, eu fiz uma pausa. Expliquei às crianças que todos os dias eu continuaria a contar uma parte da história de Pomekempo. Contaria também as histórias que o menino aprendeu. Eu disse ainda que, a cada dia, eu colocaria no quadro alguma coisa que seria importante lembrarem. E assim, naquele mesmo dia, coloquei no quadro o seguinte texto:



No outro dia, retomei a história contando às crianças que como o Parque Indígena do Xingu fica na Região Centro-Oeste, essa região foi a primeira que o menino e o gavião visitaram.

Eu disse que eles sobrevoaram o Mato Grosso, o Mato Grosso do Sul, Goiás e o Distrito Federal – pois eles compõem a Região Centro-Oeste do Brasil. Mostrei no mapa a localização de cada um desses lugares aos meus alunos. Falei também sobre os povos indígenas que moram em cada um deles, bem como sobre as diferentes reservas. Disse-lhes que o povo xavante contou a Pomekempo e ao seu amigo gavião uma linda história sobre o nascimento do gavião de penas brancas (eu contei essa história aos meus alunos).

Também fiz um texto sobre a Região Centro-Oeste:



Assim, para falar de cada macrorregião do Brasil, eu continuei a contar a história do pequeno índio xinguano. Ao final, sistematizava uma parte dos conhecimentos que haviam sido compartilhados com os alunos. Para isso, como eu mostrei acima, fiz pequenos textos.

Terminada a parte do Centro-Oeste, continuei a história, agora a partir da Região Sudeste.

Pomekempo chega à região Sudeste

O menino e o gavião retomaram a viagem. Depois de conhecer a região Centro-Oeste, eles foram para a Região Sudeste. Agora eles iriam visitar os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Quando chegaram ao Estado de São Paulo, Pomekempo viu uma grande cidade — São Paulo. Lá no alto, voando entre as asas do Grande Gavião, ele começou a sentir frio e decidiu que precisava descer. Mas ele não quis descer na grande cidade, viajaríamos mais um pouco, para um lugar onde eles pudessem ficar perto da mata.

Voando velozmente, o sábio Gavião levou o menino em direção à Mata Atlântica e ao mar. Pomekempo viu o mar pela primeira vez, pois a Região Centro-Oeste, onde ele nasceu, não é banhada pelo mar.

Logo que desceram, o menino e seu amigo encontraram com um índio chamado Ubirajara. O índio paulista fez uma fogueira para que o menino se aquecesse e colocou uns peixes para assar. Pomekempo lhe contou sobre a sua grande viagem, bem como sobre a vontade que tinha de conhecer outras culturas. Contou-lhe também sobre as coisas que aprendeu, e o seu espanto com a grande cidade que é São Paulo e com a beleza do mar.

Então Ubirajara disse que lhe ensinaria um pouco do que sabia. Disse também que contaria histórias dos povos indígenas que habitam no Estado de São Paulo: os Guarani, os Kaingang, os Krenak, os Terena e os Pankararu (Tupi-Guarani).

No quadro escrevi o texto abaixo, um pouco da cultura dos índios do Estado de São Paulo.

O Brasil, no seu lado direito, é banhado pelo Oceano Atlântico de norte a sul. Somente a região Centro-Oeste não é banhada pelo mar. Nas outras regiões, quase todos os Estados são banhados pelo mar. As temperaturas no país são relativamente altas, e o clima na maior parte do território é tropical. A Região Sudeste é formada pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Esta é a região mais populosa do país.

Na região Sudeste existem muitas indústrias. O comércio e a agropecuária também são bem desenvolvidos.

Os povos indígenas que habitam a região sudeste são:

- em São Paulo: os Guarani, os Kaingang, os Krenak, os Terena e os Pankararu (Tupi-Guarani);*
- em Minas Gerais: os Aranã, os Kaxixó, os Krenak, os Maxakali, os Pataxó e os Xacriabá;*
- no Espírito Santo: os Guarani e os Tupiniquim;*
- no Rio de Janeiro: os Guarani.*

Parei a história nesse ponto e, novamente, mostrei o mapa aos meus alunos, chamando atenção para os Estados que são ou não banhados pelo mar. Falei também sobre o clima nas várias macrorregiões do país.

A primeira história que Ubirajara contou para Pomekempo era de origem Tupi-Guarani. Vou repetir o que ele disse ao menino.

O Veado e a Onça

Há muitos anos atrás, quando somente os índios moravam no Estado de São Paulo, quando a grande cidade não existia, quando o chão era só de terra e não tinha asfalto, quando quem voava nos céus eram só gaviões e não aviões, moravam no fundo da mata um veado e uma onça.

Um dia, o veado se cansou de dormir numa toca e decidiu construir uma casa como a dos índios. Escolheu um lugar ensolarado, na beira da floresta e não longe do rio. Começou a juntar pedras, galhos e até troncos de árvores para fazer o seu trabalho. Trabalhou o dia inteiro e, quando a noite chegou, foi dormir.

Naquela mesma noite, sob a luz de um lindo luar, por acaso, a onça veio rondar por ali. Assim que ela viu o material que o veado tinha juntado, teve uma ideia: “Eu bem que poderia construir aqui uma casa para mim, tenho tudo o que preciso, pedras e madeira bem embaixo das minhas patas”.

Ela começou a trabalhar no mesmo instante. Trabalhou até o amanhecer, quando ficou com muito sono e voltou para o lugar onde costumava dormir, bem no meio da mata.

Assim que a onça saiu, o veado voltou. Quando viu o que tinha acontecido, ele pensou: “Tupã veio me ajudar durante a noite.” Então, o veado retomou o trabalho todo animado. E aquilo continuou enquanto a casa não ficava pronta, o veado construía a casa de dia, e a onça construía de noite. Cada um deles imaginava que Tupã é que estava ajudando; nenhum deles desconfiava da existência do outro.

Um dia a casa ficou pronta; e o veado resolveu que poderia mudar-se para lá. À tardinha a onça chegou. Furiosa, ela rosnou:

- O que você está fazendo na minha casa?

- Sua casa? Mas eu trabalhei na construção todos os dias, e Tupã me ajudava durante a noite.

- Eu é que fazia o trabalho à noite. Também pensei que Tupã me ajudava durante o dia.

O que fazer? Eles resolveram morar juntos. Mas cada um deles pensava num meio de se livrar do outro.

Um dia a onça matou um veado novo e carregou a presa para casa. Ela estava feliz pensando que quando seu companheiro forçado visse o que trazia, fugiria.

Mas quando chegou em casa, teve uma desagradável surpresa: o veado estava diante da casa, e a seus pés havia o cadáver de uma oncinha.

- Você a matou? – perguntou a onça assustada.

- Claro, onça é a minha caça favorita – disse o veado. Mas logo ele se calou, pois viu que a onça trazia um veado nas costas. Então, louco de medo, ele fugiu sem olhar para trás.

Se ele tivesse olhado para trás, teria visto que a onça também tinha ficado com medo e estava fugindo em disparada. Foi assim que os dois, levados pelo medo, abandonaram a casa.

Após contar a história, eu falei aos meus alunos sobre as paisagens naturais e as paisagens transformadas. Aproveitei a primeira parte da história – quando Ubirajara compara a paisagem atual da maior parte do Estado de São Paulo: com asfalto, aviões, prédios, povos não-indígenas – com a paisagem antiga, na época que a história aconteceu: mata, gaviões, somente índios...

E mais, para pensar na atualidade, convidei meus alunos para fazer uma maquete recriando, de um lado, a paisagem natural: com Ubirajara, Pomekempo e o Gavião perto da mata e à beira de um rio. De outro lado, colocamos uma grande cidade: prédios, casas, ruas asfaltadas repletas de carros. Fiz também um pequeno texto, dizendo que a Região Sudeste é a mais transformada do Brasil, e que a Região Norte é a que tem a paisagem natural mais preservada. Escrevi ainda que é na Região Sudeste que ficam as maiores cidades do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro.

No dia seguinte, continuei a história de Pomekempo.

Vendo que o menino tinha se interessado pela história que havia contado, Ubirajara resolveu contar-lhe outras, contadas pelos outros povos indígenas que habitam no Estado de São Paulo. Não colocarei todas aqui, porque as histórias foram muitas, mas colocarei pelo menos mais duas.

A esperteza dos animais

Um grupo do povo Terena contava a história de que um dia o Lagarto fez uma aposta com o Lobinho. Eles apostaram sobre quem seria capaz de descobrir o tempo da flor, o tempo da fruta, o tempo das folhas... O Lobinho aceitou a provocação. Como já estivessem no tempo das frutas, e nessa época, o Lagarto se descasca, propôs que se virassem de costas, permanecendo de olhos fechados. E assim o fizeram. Acontece que o Lagarto, de imediato, largou a casca e saiu mata adentro. Ele foi alimentar-se nas árvores carregadinhas de frutos e deixou o Lobinho de olhos fechados.

Depois de alguns dias, o Lobinho começou a sentir fome, e pensou:

- Mas... o que estamos fazendo aqui, parados e com fome?

Resolveu verificar o que o Lagarto estava fazendo e abriu os olhos

lentamente. Viu o vulto que era a casca do Lagarto, sem saber que seu parceiro de aposta tinha fugido. O Lobinho, que não queria se mostrar mais fraco que o Lagarto, persistiu e ali ficou mais e mais... Certo dia, porém, o Lobinho não resistiu mais à fome e abriu os olhos. Que surpresa! Foi apalpar o corpo do Lagarto e constatou que era apenas casca.

Desolado, o Lobinho percebeu que passara o tempo das frutas e nada mais havia para comer. A única coisa comestível que sobrara era o João-de-barro. Resolveu devorá-lo. O Lobinho resolveu enganar o João-de-barro, e lhe disse:

- Como você é lindo, João-de-barro! Ao piscar os olhos, você se parece com seu pai. Pisque para eu ver!

João-de-barro fechou os olhos. E o Lobinho aproveitou para prendê-lo, dizendo:

- Vou te devorar, você é minha janta.

- Não faça isso, sei onde existe muita comida, e se me mantiver vivo posso levá-lo até lá.

- Onde é? – perguntou o Lobinho.

- Lá na beira do rio! – respondeu João-de-barro – As índias vão para lá com as crianças e levam comida em grande quantidade. Levo você lá.

O Lobinho concordou, mas não o soltou. Quando se aproximavam da beira do rio, o João-de-barro disse:

- Você ouve o que elas estão dizendo?

- Não! – respondeu o Lobinho.

- Elas estão pedindo para que você bata palmas, para poder chegar lá e ganhar comida.

- Mas eu não ouvi nada! – respondeu o Lobinho.

As mulheres conversavam, mas o Lobinho não entendia o que diziam. O João-de-barro continuou insistindo:

- Bata palmas, Lobinho! Elas estão pedindo.

Quando o Lobinho foi bater palmas, o João-de-barro foi embora, mata adentro. É por isso que o Lobinho uiva pelas noites afora, pela fome que ainda sente, desde aquela aposta com Lagarto.

Assim que acabei de contar essa parte da história, perguntei aos meus alunos quais eram os animais da mata que eles conheciam. Falei também sobre as frutas que dão nas matas. Disse-lhes que a fauna e flora brasileira são muito ricas, e que o tipo de vegetação muda nas diferentes regiões do país. Expliquei-lhes também que alguns animais só existem numa determinada região brasileira, enquanto outras estão espalhadas por todo o país. Disse-lhes ainda que alguns correm risco de extinção, e que os seres humanos devem se responsabilizar para que isso não aconteça. Escrevi um pequeno texto, e coloquei nele um mapa.

As crianças fizeram a ilustração, colocando o peixe-boi, a arara-azul, o jacaré-de-papo-amarelo e outros bichos nas regiões onde eles podem ser encontrados. Eu lhes prometi que num outro dia, na história de Pomekempo, iria falar de como os animais podem ser úteis aos seres humanos.

Mas eu disse a eles que isso não seria na próxima aula. A próxima seria uma aula especial: iríamos fazer passeio pela mata para coletar sementes e frutas. Eu já havia combinado com o meu tio para ir conosco. Ele é um grande conhecedor da mata da nossa região – sabe o nome de muitas plantas e animais, e os lugares que podemos ir e os que devemos evitar.

A aula especial foi proveitosa, os alunos ficaram conhecendo melhor a fauna e flora da nossa região. As frutas que encontramos, comemos por ali mesmo. Mas trouxemos para a escola muitas sementes. Com elas fizemos pulseiras, para as próprias crianças usarem ou para dar de presente às suas mães.

A história de Pomekempo só foi retomada no dia seguinte...

Pomekempo estava gostando muito das histórias de Ubirajara e pediu-lhe que contasse pelo menos mais uma. Então, o seu novo amigo contou-lhe uma antiga história Kaingang.

A espiga de milho

Um dia, andando pela floresta, um macaco encontrou uma espiga de milho. Ele foi o primeiro que ficou conhecendo o milho, mordeu seus grãos, e viu que eram muito gostosos. Uma delícia!

O macaco olhou em volta, para ver se não tinha ninguém olhando, alguém que pudesse roubar-lhe a espiga. A única coisa que viu foi uma velha palmeira adormecida. Então ele pensou: "Vou guardar o milho para o jantar!". Dito e feito. Ele cavou um pouco da terra e escondeu a espiga. Depois, saiu por aí macaqueando.

Mas a velha palmeira não estava dormindo, como parecia. Assim que o macaco saiu, ela tirou suas raízes da terra e, usando-as como se fossem braços, pegou a espiga e a escondeu bem fundo, embaixo do seu próprio tronco.

À tardinha, o macaco voltou para buscar a espiga. Ele cavou a terra no local que tinha enterrado o milho; mas nada encontrou. Ali por perto, o macaco só viu a velha palmeira que se balançava enquanto dormia.

- Onde você colocou a minha espiga? Perguntou o macaco. Mas a palmeira continuou em silêncio.

- Não faz mal, disse o macaco, você terá que me contar a verdade, quando eu trouxer o fogo para que ele te queime.

E o macaco foi logo falar com o fogo.

- Fogo, sai daí e vem queimar a palmeira que roubou o meu milho!

Mas o fogo também não respondeu e da sua toca não saiu nem mesmo a menor faísca.

Aquilo deixou o macaco muito zangado:

- Você não quer me ajudar de boa vontade, não é? Então eu trarei a água para que ela te apague, espera só!

E foi correndo falar com a água.

Mas a água também não se mexeu, e o macaco, todo irritado, saiu para falar com o tapir, pedindo água. Mas o tapir estava quase dormindo, e não deu atenção ao macaco.

- Com certeza você vai acordar bem depressa quando eu trazer o cão até aqui, disse-lhe o macaco. Então, correu até a casa do cão.

- Vai depressa matar o tapir, ele é gordo e não está longe, você poderá se deliciar...

- Vai se preocupar com o seu estômago, disse-lhe o cão virando as costas, o meu já está bem cheio.

- É assim, não? Então vou chamar a onça para te devorar. Afirmou o macaco pulando de raiva.

Tendo cuidado para não se aproximar demais da onça, ele a chamou do alto de uma árvore dizendo:

- Vi um cão bem gordo, corre para que ele não te escape.

- Sou muito esperta, disse a onça. Não me deixo enganar por um macaco.

- Se você não me obedecer, direi aos caçadores onde podem te encontrar.

Então, eles virão te matar.

E o macaco correu até a aldeia indígena.

- A onça, a onça! Gritou ele, de longe. Venham depressa, vou levá-los até ela.

Os índios agarraram seus arcos e flechas e não perderam tempo, correram atrás do macaco. Assim que a onça os viu, obedeceu ao macaco e se atirou em cima do cão, o cão sobre o tapir, o tapir sobre a água, a água se derramou sobre o fogo, que por sua vez sapecou a velha palmeira.

- Deixa-me, isso queima horrivelmente, gemeu a velha palmeira, contorcendo-se de dor. Eu te devolverei o milho! E, com suas raízes, tirou a espiga e a entregou ao macaco.

Mas o macaco não a saboreou sozinho, dividiu-a com os caçadores que o haviam ajudado. Foi assim que os índios descobriram o milho, e logo começaram a plantá-lo.

Ubirajara contou ao Pomekempo e seu amigo Gavião sobre a Festa do Milho, na qual os índios lembravam dessa história e comemoravam a existência de uma planta tão importante para a sua alimentação.

Eu parei a história nesse ponto. Então, falei aos meus alunos sobre a agricultura brasileira, em especial sobre a produção de grãos. Falei também sobre as festas que existem nas diferentes regiões do país. Nesse caso, não falei somente de festas indígenas como a Festa do Milho ou o Quarup - que eu disse que era da região de onde tinha vindo o pequeno índio e o grande gavião. Falei também, por exemplo, do Carnaval.

Finalmente, falei também da alimentação típica em cada região do país.

E retomei a história, mas não vou contar aqui... Fica para uma próxima aula.

E depois de mais essa história contada por Ubirajara, Pomekempo e o gavião adormeceram, e bem cedinho, no dia seguinte, levantaram voo e seguiram de volta para casa. Pomekempo não se continha de tanta felicidade, pois agora ele conhecia todas as regiões do Brasil, e o que é melhor, sabia um pouquinho mais da cultura de todos dos povos indígenas que habitam nosso país.

Do curso à coleção de livros...

Este livro é resultado de uma reflexão dos professores e alunos do curso de Formação Intercultural Superior do Professor Indígena, um trabalho em equipe de ordem teórico-prático em busca de um caminho para a educação escolar indígena.

Professores do curso

Adriana D. Mendonça
 Adriano Martins
 Ana Shitara
 Cintia Maria Ingrevallo
 Circe Maria Fernandes Bittencourt
 Claudia Georgia Sabba
 Eduardo Carrara
 Gustavo Kilner
 Idméa Semeghini-Siqueira
 José Pedro Machado Ribeiro
 Leonora de Assis Portela
 Livia de Araújo Donnini Rodrigues
 Luís Donseti Grupioni
 Luiz Carlos Beduschi
 Marcos Neira
 Maria Aparecida Laginestra
 Maria Cecília Fantinato
 Maria Clara Di Pierro
 Maria do Carmo S. Domite
 Maria Imaculada Pereira
 Marina Célia
 Maximino Rodrigues Guarani-Kaiowa
 Nivia Gordo
 Patricia Pinna
 Patrícia Zuppi
 Paulo Diaz Rocha
 Pedro Roberto Jacob
 Regis Luiz Lima de Souza

Rogério Ferreira
 Ruth Monserrat
 Sandra Cristina La Torre Lacerda
 Sonia Castellar
 Sônia Maria Madi Rezende
 Suzana Mattos
 Ubiratan D'Ambrosio
 Vanisio Luiz da Silva
 Wanderleya Nara Gonçalves Costa
 Yolanda Fogaça Shimizu

Professores-alunos indígenas

Abílio da Silva Martins
 Adílio Wera Paraguassu
 Adriana Ará Poty Macena
 Adriano César Rodrigues Campos
 Alicio Lipu
 Altieri Damaceno de Oliveira
 Álvaro Francisco Iaiti
 Andréia Pio
 Ângelo Silveira
 Antonio da Silva Santos
 Antonio Macena
 Aparecido Vitor
 Basílio Silveira
 Carlos Roberto Indubrasil
 Cássio Martim Pereira
 Catarina Delfina dos Santos

Catia Martim Pereira
 Cláudio da Silva Felix
 Cláudio Karai Samuel dos Santos
 Cleberson Evaristo de Almeida
 Constantino Jorge da Silva
 Cora Augusto Martim Pereira
 Creiles Marcolino da Silva Nunes
 Cristiano de Lima Silva
 Cutiara S. Knocita
 Danilo Marcolino
 Davi Honório Cardoso
 David Henrique da Silva Pereira
 Edevaldo Cotuí
 Edilene Pedro
 Edilson Euzébio Fernandes
 Edson Djejuaka Mirin Macena
 Ezequiel da Silva Evaristo
 Fabiana Aparecida Lima da Silva
 Fabiana Damaceno Oliveira
 Fabiola dos Santos Cirino
 Giselda Pires de Lima
 Ivanilda Iaiti
 Jaciara Augusto Martim Pereira
 Jaciara de Souza Gomes de Menezes
 Jacira Jorge de Souza Gomes Pires
 Jacirema Gomes dos Anjos
 Jatiaci Fernandes Martins
 Jehei Pio
 João Carlos Silveira
 João da Silva
 João Lira da Silva
 Joel Augusto Martim
 José Roberto da Silva Santos
 Juliano Cabral Ramires

Laurinha da Silva
 Lenira Dina de Oliveira
 Licia Vitor
 Lídia Krexu Reté Veríssimo
 Márcia Augusto M. de Campos
 Márcia Pio Márcia Pio Martins
 Marcílio Mariope Castro
 Marcio Pedro
 Maria Fernandes
 Maria Luisa Lipu
 Marinalva Kerexu Paraguassu
 Mirian Dina dos Santos Oliveira
 Moacir Augusto Martim
 Nicolau Tupã Mirim
 Odair Eusébio
 Pedro Francisco Evaristo
 Pedro Vera Popygua Miri Delane
 Poty Poran Turiba Carlos
 Richard Caetano
 Rosimeire Barbosa Dias
 Sara Silva Rosário
 Saulo Cabral Ramires
 Sebastião J. Fernandes
 Sergio Martins da Silva
 Tereza Silvério
 Tiago de Oliveira
 Ubiratã Jorge de Souza Gomes
 Valdecir Ribeiro Alves
 Valdecir Fernandes dos Santos Oliveira
 Valdenice Cardoso Soares Vaiti
 Valmir Miri Macena Lima
 Vlademir Isac da Silva Lima
 Zélia Luiz